

Universidade Federal do Ceará
Instituto de Cultura do Ceará
Comunicação Social / Jornalismo

Livro-reportagem:
Orgulho Suburbano
O futebol em outras linhas

Autoras: Cleisyane Quintino e Lorena Alves

Orientador: Ronaldo Salgado

Fortaleza, junho de 2011.

Dedicatória

Aos nossos pais, Ana Cleide e Carlos César, Magna Lup e Marconi Alves, pela atenção dedicada a nós. Sem eles, este livro não teria vindo ao mundo.

Ao nosso professor Ronaldinho Salgado, que se apaixonou pelo projeto deste livro tanto quanto nós.

Ao zagueiro Assis da Silva, que nos ensinou, ao seu modo informal, sobre futebol, jornalismo e comunidade.

Sumário

Apresentação -----	04
Grande Área -----	07
Futebol de meninos, profissão de homens -----	25
Elas não jogam de salto alto -----	45
Entre barreiras e dribles -----	65
Crônica reporteira – Dia de jogo -----	78
Crônica reporteira – Último jogo -----	82
Agradecimentos -----	86
Anexo – lista de entrevistados -----	90

Apresentação

Quando ainda não sabíamos nem nome nem detalhes outros deste livro-reportagem, tínhamos certeza apenas de uma coisa. Queríamos reportar o futebol suburbano “além do jogo”, rompendo, de certo modo, com a cobertura jornalística factual ou com o registro histórico tão somente. Decidimos abrir – ou escancarar – as cortinas do subúrbio para toda a sociedade e deixar que os próprios personagens dessa peça falassem por si só, contassem histórias, glórias, dificuldades e peripécias do cotidiano de quem joga bola nos campos suburbanos de Fortaleza e da região metropolitana.

Mais do que conhecer pessoas, apaixonamo-nos pelas histórias delas. Este livro-reportagem nasceu, de fato, após 14 meses de vivência nos subúrbios cearenses, onde andamos de sol a chuva à procura de gente. Conhecemos famílias que se constituíram com a ajuda inegável do alcoviteiro futebol. Nesta publicação, pedimos a licença da expressão *subúrbio*. Ao longo de nossa pesquisa, descobrimos que há inúmeras conotações para esta palavra, mas, neste livro, optamos pelo significado usado no senso comum, relacionado mais à realidade socioeconômica do que geográfica propriamente, e incorporada, inclusive, nos discursos de nossos personagens.

Por vezes, o futebol suburbano recebe a alcunha de amador, embora nem todo amador seja suburbano, considerando-se as categorias de base, que podem ser treinadas em clubes de grande estrutura. Em muitas de nossas narrativas, suburbano e amador se entrelaçam, conversam entre si, já que ambos não são intitulados profissionais. Inspiradas no slogan do time mais antigo do subúrbio, o Rio Branco, homenageamos todos os outros com o título Orgulho Suburbano, que traduz o que é ser e fazer um time nos subúrbios do Brasil.

Somado aos anseios de fazer jornalismo, amparamo-nos em alguns conceitos para seguir adiante na trajetória jornalística. Recorremos às considerações de Edvaldo Pereira Lima para apreendermos o universo do livro-reportagem. “Nesse caso, o núcleo central do tempo presente deixa de ser o fato desencadeador central da ocorrência em si, para ser muito mais o seu contexto, obrigando a prática jornalística dos veículos impressos não-diários a entrar cada vez mais no terreno da opinião, da interpretação, do aprofundamento dos fatos, em suma”.

Além da reportagem, experimentamos outro gênero: a crônica reporteira, que se caracteriza pela vinculação entre a crônica e a reportagem. No livro *A crônica reporteira de João do Rio*, Ronaldo Salgado define-a como a “expressão seminal da reportagem, tem espírito de narrativa e está intrinsecamente ligada à rua, que é em um só tempo plural, múltipla e diversa, evidenciada a partir da modernidade”.

O primeiro capítulo mergulha no futebol suburbano e apresenta personagens e famílias cujo elo maior é o futebol. Os holofotes estão voltados para jogadores, torcedores e entusiastas do esporte que modificam o desenrolar da própria vida para que o futebol do subúrbio permaneça a pulsar. No capítulo subsequente, o intuito é contrapor a vida do jogador profissional à do jogador amador, a situação dos jogadores que estão “nas mãos” de empresários do futebol e as histórias de jovens que nasceram com a certeza de que só sabiam jogar bola, embora nem todos tenham tido a oportunidade de se tornar profissionais.

O terceiro capítulo é dedicado às mulheres do Estado do Ceará que decidiram jogar bola nos campos de Fortaleza afora. As histórias dessas meninas, que, muitas vezes, não correspondem aos estereótipos que a sociedade espera, estão espalhadas em times da capital cearense e da região metropolitana. Elas sonham em ser reconhecidas pelo talento que têm nos pés, e não em outras partes do corpo, como é costumeiro ver em algumas reportagens a tentativa de tornar o futebol feminino mais “popular” através da associação da prática esportiva à vaidade e beleza femininas, feito os calendários que exibem fotografias sensuais de jogadoras de futebol.

No derradeiro capítulo, sentimos a necessidade de saber como as administrações públicas olham para o futebol suburbano no Estado do Ceará. Há ações de incentivo a essas práticas nas comunidades? Quantos campos públicos e privados existem no Ceará? Qual a verba destinada anualmente ao futebol suburbano no Estado? Esses foram alguns dos questionamentos que nos motivaram a procurar os secretários municipal e estadual do Esporte para saber como é tratada pelo poder público essa prática esportiva que mobiliza semanalmente milhares de pessoas nos subúrbios cearenses.

Em *Conversas de Vestiário*, deixamo-nos transparecer através de nossas impressões sobre os personagens e as histórias contadas. As dificuldades que

enfrentamos para tornar real e público este livro-reportagem também são apresentadas ao leitor nesses bastidores, nos quais compartilhamos a função repórter-personagem. As duas crônicas reporteiras que encerram esta jornada trazem o olhar de cada autora sobre o futebol desenhado nos subúrbios, colorindo pessoas e lugares que são os verdadeiros protagonistas dessa história.

Grande área

Em pleno sol quente de um típico domingo, um time vestido de azul se prepara para entrar em campo. A torcida já está organizada, as meninas ensaiam gritos empolgados. As moças são bonitas; as saias, curtas. A única diferença de uma torcida oficial são as palavras de baixo calão proferidas de hora em hora. Sobra para a mãe do atacante do time adversário, para as vergonhas do goleiro e assim por diante. As barraquinhas de comida e bebida já estão montadas, uns e outros já mostram sinais de embriaguez precoce e o sol castiga.

É o time titular do São Vicente de Paulo Esporte Clube, do bairro Dionísio Torres, da cidade de Fortaleza, que, aos poucos, vai ocupando as quatro linhas desgastadas do Campo Salgado da Gama, em Messejana. O time rival, o Dendê, do bairro Edson Queiroz, parece não se render à audácia das meninas da torcida. Entra em campo como quem sobe num pódio. É muito atrevimento, incomoda-se uma delas.

Antes de a partida começar, todos os jogadores do Dendê se abraçam no campo e se postam numa roda de oração. Naquele instante, esquecem o trabalho exaustivo de uma semana inteira e se concentram no momento em que deixam de ser coadjuvantes de suas histórias e se tornam protagonistas, titulares. São 90 minutos de reinado.

O árbitro apita anunciando o início do primeiro tempo. O grito das torcidas acentua-se. O São Vicente sai na frente e, já nos cinco primeiros minutos, Dinei dá o primeiro chute a gol. O Dendê reage, passa do meio campo, dribla a zaga do São Vicente, mas o goleiro defende. Vinte minutos de jogo. Os jogadores ouvem com fúria o apito que encerra o primeiro tempo. E a rede permanece imóvel.

A arquibancada do campo não comporta as centenas de pessoas que vão assistir à partida. Os espectadores revezam-se com o pouco espaço da bancada. Bem próximo ao campo, uma senhora franzina de sessenta e poucos anos aboleta-se no chão. Fuma quantos cigarros são necessários para apaziguar a tensão de ver o time do coração jogar. Assim são todos os domingos de sua vida.

Cinco reais é o preço pago por pessoa para assistir ao jogo. Três da entrada mais dois do ônibus. Na bilheteria, uma mulher que já passou dos quarenta é a responsável por receber os ingressos. Apesar do cansaço da vida, Lúcia Barbosa, a Lucinha, jamais

se arrependeu dos quase 20 anos dedicados ao futebol suburbano. “Quando não tem jogo dia de domingo, eu fico impaciente, fico doente, porque não tem o que eu fazer e eu não sei ir pra outro lugar”. Há 15 anos, Lúcia faz papel de enfermeira, cobradora de ônibus e bilheteira de estádio. Enfermeira, porque ainda jovem decidiu que os jogadores precisavam de um suporte médico para os eventuais – ou recorrentes – acidentes no campo. Cobradora de ônibus e bilheteira, porque é de confiança o bastante para administrar o dinheiro dos passageiros da comunidade que vão torcer pelo São Vicente.

O apito convoca o segundo tempo. Os dois times jogam com garra. A torcida pressiona. É novamente Dinei que está com a bola. Passa pelo meio campo, chega à pequena área, mas é derrubado pelo zagueiro adversário. É pênalti, gritam alguns. É farsa, arriscam outros. O árbitro decide: é pênalti. O experiente jogador se prepara para chutar, sabe que é só mais um jogo, mas em cada partida há um nervosismo único. Faz o sinal da cruz e chuta a bola na direção da rede. É gol. Golaço, esperneiam as meninas. E é também final de jogo no Campo Salgado da Gama.

Depois de 20 cigarros fumados nos 90 minutos que dura a partida, dona Lunga levanta-se do cantinho em que se acomoda perto do campo e, cheia de si, diz: “Eu já sabia. O São Vicente não perde”. A torcida feminina vibra e xinga o adversário, pois a vitória por si só não se basta. É preciso uma pitada de desaforo para mexer com o oponente, lembrar-lhe da superioridade do time do coração.

Às seis e meia da noite, o ônibus chega de volta ao conjunto do São Vicente de Paulo. O percurso do campo ao bairro é embalado pelo batuque da torcida. Samba, axé, pagode e forró. As meninas com grito mais agudo destacam-se no coro. A festa ainda está começando. Francisca Maria Rodrigues, a Crioula, já havia arrumado as mesas na calçada à espera da torcida. Ela tinha apenas 13 anos quando começou a frequentar os jogos do subúrbio. Há quase duas décadas, anota o placar de todas as partidas do São Vicente, com um detalhamento que permite saber quem foi o artilheiro do ano, o goleiro mais vazado e cada gol marcado e perdido. Tamanha dedicação fez com que passasse a integrar a diretoria do time. A história da vida dela confunde-se com a história do futebol suburbano. Dos seis namorados que teve, cinco são jogadores. Hoje, aos 33 anos, acredita que a filha, Jéssica, de 13, mesma idade que Crioula tinha quando se envolveu com o futebol, vai seguir a paixão futebolística da mãe.

Feijoada, cerveja e tira-gosto. A turma do São Vicente aconchega-se na barca, nome dado à confraternização que acontece todos os domingos depois do jogo. A conversa é muita e até tarde da noite. Aos poucos, as mulheres vão voltando às suas casas. Só duas permanecem: dona Lunga e Lucinha. Discretas na calçada, observam o falar alto dos homens, reparam nos exageros e no modo como se vão embriagando. Às onze e meia da noite, elas recolhem-se à casa delas quando todos partem.

Dois meses depois, a barca seria um pouco menos animada. No mesmo campo de Messejana, são os torcedores do São Vicente de Paulo que têm de suportar a derrota. Talvez pior: a derrota para um time da família. Dessa vez, o ônibus volta ao bairro menos animado. Apenas alguns resmungos são ouvidos de vez em quando. Mas a torcida do São Vicente está certa que, no domingo seguinte, a sorte do time mudaria.

Futebol: “A melhor coisa do Brasil”

Em meados dos anos 1960, Joana Cordeiro, mais conhecida como dona Priscila, já com cinco filhos a tiracolo e um ex-marido, juntou os panos e casou-se com o pedreiro José Viana. O marido assumiu dona Priscila, a prole e, anos depois, incumbiu a mulher de ajudá-lo a administrar um time de futebol, o Bandeirante. Ainda cedo, dona Priscila descobriria que o futebol era “a melhor coisa do Brasil”. Pouco tempo depois, o casal, que morava no interior, mudou-se para Fortaleza e Zé Viana trouxe o time para a capital.

Após a morte de Zé Viana, dona Priscila tornou-se dona por direito do Bandeirante. Hoje, aos 81 anos e com um sorriso sempre escancarado, não hesita ao dizer: “Eu não tenho raiva do São Vicente, porque tenho certeza que o nosso time joga melhor”. O jeito atrevido de dona Priscila revela a rivalidade dos dois times. Dia de jogo entre Bandeirante e São Vicente é clássico-rei no bairro Dionísio Torres.

Do casamento de dona Priscila com o primeiro marido, nasceu Francisca Cordeiro da Silva, que ainda cedo ganhou do avô o apelido de Lunga. A menina magrinha, que desde jovem acompanha o futebol de várzea, por costume ou por genética, sempre fora birrenta, toda dona de si. Em 1972, conheceu Francisco de Assis da Silva, zagueiro que se destacava no Bandeirante, time do pai de criação de Lunga. Os dois frequentavam as festas do time e, em um desses encontros, dona Lunga achou que Assis estava mais bonito do que costumava ser em campo: suado e uniformizado.

– No campo, eu via ele e dizia: “Ô homi feio”, mas quando ele tava vestido com uma roupa era até bonito – diverte-se dona Lunga.

– A gente ia pra festa e aí saiu esse leriadozinho – gargalha Assis.

– Como foi isso, dona Lunga?

– Do jeito que ele tá contando.

Não teve jeito: casaram-se. Assis foi zagueiro em vários times do subúrbio. Nova Oeste, Rio Nilo, Barbosa de Freitas, Bandeirante, Olaria, Madureira e outros que a memória não alcança. “Zagueiro central, lateral esquerdo. Na zaga, eu jogava em todas as posições”. Em 1985, ganhou o próprio time: o São Vicente de Paulo Esporte Clube, que se chamava Imperial e pertencia a dois compadres de Assis. Um deles ofereceu-lhe o São Vicente, porque disse que era irresponsável demais para ser administrador. “Ele bebia muito. Dia de domingo, a gente que toma de conta não pode ficar bêbado. Aí tomei de conta. Fui no comércio, comprei material. Depois, pulou todo mundo fora e ficou só eu e a dona Lunga pra pagar”, recorda Assis.

Quando assumiu o São Vicente, já tinha desistido de ser jogador. Parou aos 37 anos, quando as pernas já lhe doíam além da conta e a paciência chegara ao limite. Mesmo sem jogar, passou 20 anos sendo diretor do time que herdara. Em 2005, o velho zagueiro decidiu deixar a diretoria do time. E foi radical. Deixou, inclusive, de ir aos jogos. Dona Lunga assumiu com a mesma determinação que chefiava a casa. Ela, que sempre fora apaixonada por futebol e por jogatina de um modo geral, não aceitou que o time parasse.

– Quando ela era moça, passava o dia vizinho a casa dela numa casa de jogo, jogando baralho – brinca Assis.

– Se eu pudesse, tinha um cassino. Às vezes, tenho vontade de mandar ele ir *simbora* pra montar um cassino.

– Aqui na minha casa? – espanta-se o marido.

Apesar de não frequentar mais os jogos, Assis continuou auxiliando o time, mas dentro das possibilidades físicas dele. Tornou-se responsável por organizar os uniformes dos jogadores no dia do jogo. Para ele, até essa tarefa aparentemente simples ficou pesada demais. As costas passaram a doer e as pernas do homem que fora pedreiro

durante toda a vida já estavam exaustas. Depois do afastamento da diretoria, ele passou a desdenhar do futebol do subúrbio.

– O futebol dos bairros vai se acabar. Eu mesmo não quero mais saber disso.

– Mas ele é o primeiro a saber do resultado do jogo. Antes do ônibus chegar no conjunto, ele já sabe quem fez o gol e quem não fez – ri-se dona Lunga.

– Às vezes, a negrada me liga pra avisar. Eu não quis nem quero saber mais disso. Futebol é muito complicado. A gente quebra cabeça com jogador, acerta um jogo bom, aí na hora eles não vão, precisa da gente ficar atrás. E olha se eu vou ficar atrás de jogador... Vou atrás de mulher e se for bonita – Assis pisca o olho acenando com a cabeça para a esposa.

– Ele diz isso da boca pra fora – responde dona Lunga.

O casal tem seis filhos: dois homens e quatro mulheres. Cléa, Clemilda, Clóvis, Clodoaldo, Clécia e Cleciane. Quando os cabelos brancos já anunciavam a velhice do casal, a família cresceu com a chegada de Jéssica, adotada há dez anos. Com a saída de Assis da diretoria do São Vicente, o time passou por um momento de forte instabilidade. O filho homem mais velho, Clóvis, resolveu reunir a família para discutir o assunto. “O time é uma tradição. Vem de pai pra filho. Meu pai e minha mãe foram fundadores. E minha mãe vive muito dentro do time. Se eu acabar com o São Vicente, é arriscado minha mãe se acabar também”. A família Cordeiro decidiu manter o São Vicente firme. O motivo alegado pelos filhos foi o apego de dona Lunga ao time.

– Os meninos não acabam com o time senão ela (aponta para dona Lunga) vai morrer – diz Assis.

– Continuei porque não queria espalhar meus meninos com esse negócio de droga, essas coisas, porque aqui eu tô vendo o que eles fazem. Aí eu me obriguei a ficar indo aos jogos todos os domingos – defende-se dona Lunga.

Clóvis é responsável por colocar o time titular em campo todo domingo. O irmão mais novo, Clodoaldo, organiza o aspirante, formado pelos jogadores em início de carreira e pelos veteranos, aqueles que já foram titulares. Estes são os protagonistas do time. Não pagam para jogar e têm as melhores chuteiras. Os aspirantes desembolsam cinco reais para entrar em campo, dinheiro que paga os custos dos jogadores titulares, pois às vezes eles vêm de outros bairros e recebem a passagem do ônibus. Em ocasiões mais raras, ganham um agrado adicional: 10 ou 15 reais.

A filha mais velha, Cléa, casou-se com Evilano, que jogou no São Vicente e no Bandeirante, os dois times da família Cordeiro. Os maridos de Clécia e Cleciane também são jogadores e já passaram pelos dois times da família. Cleciane, a Naninha, sempre chamou atenção no bairro pelo jeito despachado combinado ao corpo violão. Hoje, casada, vai a todos os jogos do subúrbio para acompanhar o marido e torcer pelo São Vicente. Apenas Clemilda fez uma curva na história da família e uniu-se a Marcos, que não integra o mundo do futebol amador. O marido é tratorista e não costuma ir aos jogos do subúrbio.

Cléa e Evilano têm quatro filhos: Evânio, Camila, Clemila e Júnior. Camila é uma das líderes da informal torcida feminina do São Vicente e, quando ainda não precisava trabalhar, aventurava-se a jogar num time feminino do bairro. Com o tempo ocupado pelo emprego, parou de treinar, mas é frequentadora assídua dos jogos do São Vicente e, vez por outra, escapa para ver o Bandeirante jogar.

“Ah, eu vou aos jogos do São Vicente desde os oito dias de nascida”. É nesse exagero orgulhoso que Camila conta da intimidade com o futebol do subúrbio. A maior parte dos vinte anos dela foi vivida nos campos torcendo pelo time do avô Assis ou pelo da bisavó Joana. “Eu gosto é de torcer, de gritar. Ave Maria, se eu perder o jogo, viu?”. Desde 2009, o pai de Camila, Evilano, proibiu a filha de ir aos jogos sozinha. Só vai acompanhada pelo namorado. O castigo foi consequência de uma briga entre as torcidas do Bandeirante e do Oásis.

O Bandeirante ganhava do Oásis por 1 a 0 jogando no campo do oponente. No vocabulário do futebol oficial, seria dito que o vencedor jogava fora de casa. Quando o tio de Camila, que era o árbitro da partida, marcou pênalti pelo time já em vantagem, uma algazarra instaurou-se fora de campo entre as torcedoras. “Aí umas começaram a chamar as outras de *dentim*, de boca *pôde*, num sei o quê, e começou a briga. Cadeira vai, cadeira vem, pedra, garrafa...”, relembra, aos risos, Camila. Da confusão, duas primas dela saíram machucadas. “A Marine pegou três pontos nas costas e a Priscila pegou oito na cabeça da garrafada que levou”. Ela mesma só não se feriu porque, sempre que ousava entrar na briga, o tio Clodoaldo gritava mandando-a sair.

Além do prazer de torcer pelos times da família, Camila, repetindo a saga da bisavó, da avó, da mãe e das tias, conheceu no campo de futebol o atual namorado. Aliás, os outros cinco ex-namorados dela também são jogadores. “Eu não vou pro jogo atrás de namorado. Isso é coisa que acontece” – argumenta Camila.

Os dois filhos homens de Evilano também jogam no subúrbio. Júnior começou a jogar como zagueiro no aspirante do São Vicente com 15 anos de idade. Aos 18, assumiu a posição de lateral no titular. Hoje, Evânio está afastado, porque, segundo Camila, ele estava batendo um “racha” com os amigos quando caiu de mau jeito e quebrou o tornozelo.

– Aí, ele só volta a jogar no próximo ano – Camila conta rindo.

– Nunca mais! – Júnior se antecipa em dizer.

– Por quê? – indagam as repórteres.

– Tu é doido! Passei mais de um mês deitado na cama direto e ainda sinto dor.

Já o irmão mais novo, Evânio, apesar de ser “verminoso” e bom de bola, é impedido pela família de integrar o São Vicente. Alegam que ele é muito violento em campo e o mantêm afastado, negando-lhe o material necessário para jogar. Longe da família, Evânio joga no Atlético, outro time do bairro.



Segunda-feira, jogo acertado

Assis lembra que o filho Clóvis tem de procurar Jodecy Muniz, conhecido como empresário suburbano, para marcar o jogo do domingo seguinte. Liga para o filho e o lembra do compromisso. Clóvis diz que vai falar com o marcador de jogos e, antes de desligar o telefone, faz uma piadinha com o pai.

– Tá preocupado, né? Não era tu que queria acabar com o time?

– Vai-te pra lá – e desliga o telefone na cara do filho.

Clóvis arranja um tempo livre no trabalho e liga para Waldecy, nome pelo qual Jodecy é conhecido no subúrbio. O jogo é acertado e mais um domingo de lazer é garantido. Jodecy marca os jogos de cem times amadores da capital cearense. Por jogo, recebe sete reais e sustenta a família com essa atividade. E não reclama do ofício. Trabalha apenas quatro manhãs por semana e se permite faltar o trabalho quando está de ressaca. Há outros empresários no futebol suburbano, mas ele é o mais conhecido. Um dos motivos é o fato de ele ter uma sede, que fica dentro de um bar no Centro da cidade. Os outros trabalham na rua.

Antes de se despedir, Jodecy convida o colega para o aniversário dele. Clóvis diz que ele escolheu um dia muito movimentado para fazer a festa. “É domingo, rapaz. Tem jogo. Se não tivesse, eu ia”. O empresário desliga o telefone. Vai até a cômoda de roupas e olha para o convite da festa. Ao lado da foto dele, há também uma do filho único, Djalminha. Jodecy ri ao lembrar-se da homenagem que fez ao “melhor jogador que já existiu”. Deita-se e tira um cochilo. O último pensamento antes do sono é o filho. Orgulha-se de poder pagar colégio particular para ele e de oferecer-lhe a oportunidade que não teve: uma escolinha de futebol. Adormece tranquilo e sonha com um jogo que aconteceu 20 anos antes, quando ainda era jogador titular do subúrbio.

No dia seguinte, dona Lunga acorda-se cedo para as primeiras tarefas da casa. Prepara o café de Assis, lava as primeiras louças da manhã e liga o rádio na sala. Vai à lavanderia e lembra-se de que é dia de lavar os uniformes dos jogadores. Há 25 anos, é ela quem faz essa tarefa. Todos os domingos, o material dos aspirantes e titulares está intacto, lavado e passado. No começo, dona Lunga lavava à mão, mas depois comprou uma máquina de lavar para facilitar-lhe a vida.

– Ela comprou essa máquina mais pra lavar o material do time – revela Assis.

– É porque o pessoal se reúne aqui na minha casa, aí eu me acostumei.

Os veteranos do subúrbio

O relógio bate meio dia quando a torcida do Venturoso, do bairro São João do Tauape, chega à casa de Ednardo Marques, também sede do time. A mulher dele, Aspásia, não pôde ir ao jogo, pois ficou responsável pela feijoada da torcida. O cenário já está montado. Quando os jogadores descem do ônibus de volta, a cerveja já está gelada e as cadeiras cuidadosamente organizadas na sombra da árvore do quintal. Todo domingo é a mesma coisa. Ednardo e mais seis colegas da diretoria do Venturoso fazem uma cota para pagar a confraternização pós-jogo.

Quando avista o ônibus do Venturoso, Aspásia vai logo servindo a feijoada. Conversa com um e outro para saber o resultado do jogo. O barulho dos jogadores já anuncia. Vitória de novo. Os convidados sentam-se e tagarelam sobre os melhores momentos da partida. Ednardo começa a prostrar sobre os tempos áureos do Venturoso.

Narra a final histórica entre o Venturoso e o extinto Cialtra, em 1997, na Copa Edson Queiroz.

– Nesse dia, tinha 22 mil pessoas no Castelão. O Venturoso perdeu por um gol. O jogo foi empate, mas eles tinham um ponto à frente – recorda-se Ednardo.

– Vinte e dois mil? – espanta-se um dos jogadores.

– Sim. Nesse dia, saíram daqui sete ônibus, além de carros e até caminhões lotados pra levar o pessoal ao jogo.

Ednardo não lembra quando, de fato, começou a frequentar os jogos amadores de futebol. Aos cinco ou seis anos de idade, jogava bola no pequeno campo do quintal da casa. Ensaiaava uns passos e depois tinha de ceder o espaço para que o pai, Zé Costa, treinasse o time que comandava. Nos finais de semana, a residência era ponto de encontro para quem queria jogar ou assistir às partidas. As tentativas que Ednardo fez para descobrir a origem do time foram parcialmente frustradas. A única certeza é de que o Venturoso nasceu em 1936, assim como o pai, e anteriormente pertenceu ao avô materno.

Hoje, Ednardo é o presidente do Venturoso. Ele marca jogos, consegue bons jogadores, arca com parte dos prejuízos e dedica a vida por um time que tem a mesma idade do pai. Ao lado dele, estão Aspásia, que seguiu a paixão futebolística do marido, e amigos próximos que se vão chegando e se apaixonando pelo Venturoso. Um casal que integra a diretoria já chegou a se separar por conta do time. Fernando foi inocente a ponto de pedir que a companheira, Nilza, fizesse uma escolha: ele ou o Venturoso. Ficaram separados três meses e depois reataram. Ele não ousou repetir a pergunta nem tocar no assunto novamente. A escolha dela já estava feita.

Ao longo de sete décadas e meia, o Venturoso ganhou respeito até dos adversários, acumulou medalhas, mas também colheu discórdias. Ednardo diz uma frase querendo dizer outra. “O Venturoso é amigo de todos os times, mas eu não sei por que tantos times têm raiva da gente”. Na verdade, ele quer apenas dizer: “Não gostam da gente porque o time é bom, nós ganhamos com frequência e estamos invictos há 15 jogos”. Ele deixa escapar essas informações ao longo da conversa, não juntas, não

fazendo um elo, mas o olhar dedicado de um dono de time do subúrbio não deixa dúvidas. É modéstia querendo ser orgulho, admiração.

– Somos o time suburbano mais antigo em atividade de Fortaleza – garante o presidente do Venturoso.

– É, o Rio Branco é o mais velho, mas eles não estão jogando mais – complementa Fernando.

De todos os times amadores de Fortaleza, cabe ao Rio Branco, do bairro Antônio Bezerra, o título de mais antigo. Em 1925, é fundado o “Orgulho Suburbano”, slogan do atual Rio Branco Esporte Clube. A ideia de criar o time surgiu numa mesa de bar. À frente da empreitada, estava Antônio Neves Araújo, conhecido em todo o bairro por tenente Araújo. Com o apoio de amigos de peladas e de uma senhora muito querida no bairro, Maria do Abílio, ele deu o pontapé inicial para uma história de títulos, prêmios e tradição consolidada no imaginário de quem vive o futebol de subúrbio. Juntos, Maria do Abílio e tenente Araújo conseguiram, através da Prefeitura Municipal de Fortaleza, a revitalização do terreno onde hoje é o Estádio Antony Costa, que se tornou arena dos jogos do Rio Branco.

– Minha mãe era muito querida. Pode perguntar em todo o Antônio Bezerra quem foi Maria do Abílio, todo mundo dá notícia dela – orgulha-se dona Angelita Lima ao vasculhar na memória lembranças dos 88 anos já vividos.

– Já contaram pra vocês o que ela fazia? Era muito engraçado. Dona Maria do Abílio se juntava com as netas, esticava a bandeira do time e percorria todo o campo pedindo dinheiro para comprar material do clube. E o pessoal dava!” – relembra o atual presidente do Rio Branco, Eugênio Ferreira.

– É, enquanto teve saúde, minha mãe assistiu aos jogos na beira do campo, animando a torcida. Quando ela morreu, com 95 anos, o bairro sentiu muito a falta dela.

O primeiro contato de dona Angelita com o futebol foi aos dois anos de idade, quando, num campeonato do Rio Branco, ela e a mãe tiraram o selo da bola. Depois disso, o relacionamento com o futebol do subúrbio só se estreitou. Nos tempos mais difíceis do time, em que não havia dinheiro para comprar material, “eu sentava embaixo de uma árvore, pegava a meia furada do jogador e costurava todinha”. Quando o tenente

Araújo deixou a presidência do time, o marido de Angelita, tenente João, assumiu o posto.

Nos dias de festa na sede do Rio Branco, que se tornou a segunda casa do tenente João, Angelita trabalhava ao lado dele até as duas horas da manhã lavando prato e fazendo tira-gosto para vender, porque lá funcionavam o salão de festas e o bar após o jogo de domingo. Também era ela que deixava o material dos jogadores bem organizado para os jogos. “Essas mãos aqui já lavaram muito uniforme. Lavava, passava e deixava tudo bem dobradinho”, conta com orgulho a contribuição dada ao Rio Branco.

Após a morte do tenente João, a presidência foi confiada a José Ribamar de Sousa, o Zequinha, que dedicou a vida ao clube. Como outros homens, mulheres e famílias dos bairros de Fortaleza que sustentam um time por amor, Zequinha ofereceu tempo e dinheiro para ver o clube jogar nos campeonatos do subúrbio. Ficou na presidência por mais de uma década, mas já havia se dedicado anos a fio como diretor, treinador e “craque” do Rio Branco.

– Ele era um homem muito justo – elogia o ex-atleta Fabiano Macau, que foi descoberto pelo futebol profissional quando jogava pelo Rio Branco.

– Um sujeito de bom coração! – acrescenta Eugênio Ferreira.

É com saudosismo que os torcedores do Rio Branco falam do ex-presidente. A morte de Zequinha ainda comove os moradores do bairro Antônio Bezerra. As cortinas da vida dele, de certo modo, encerraram o espetáculo do qual o Rio Branco Esporte Clube era protagonista. Além da perda de um presidente de pulso firme, o time seria privado temporariamente do campo onde aconteciam as partidas de futebol.

Numa quinta-feira de 2008, Zequinha, acompanhado da família, viajou a Forquilha, município do interior do Ceará, para o enterro do pai. Na volta, o microônibus da funerária, que transportava 35 pessoas da mesma família, sobrou na “curva do perigo” na serra de Itapajé. Seis pessoas morreram, entre elas Zequinha e a esposa, Rita Maria da Costa.

– Ai, não gosto de lembrar – comenta dona Angelita, retorcendo-se na cadeira de balanço.

– O velório foi na sede do Rio Branco. Por cima do caixão, colocamos a bandeira do time. Muito trágico – lamenta Fabiano ao resgatar da memória o dia que a vizinhança tenta esquecer.

Fabiano, Eugênio e Angelita, reunidos para relembrar às duas repórteres acontecimentos e personagens do time, dizem que tenente Araújo, tenente João e Zequinha são a história do Rio Branco, apesar de outros homens já terem ocupado a presidência. A vida do clube não tem registros formais. Fica apenas na memória dos vivos. E, para eles, o reconhecimento de quem suou a camisa dentro e fora de campo é uma tentativa de que o passado fique agarrado ao presente dos novos jogadores, dos novos moradores do Antônio Bezerra. “No estádio, deveriam ter salas com os nomes dos três presidentes. O próprio estádio deveria ter o nome de um deles. Quem é Antony Costa? Não tem nada a ver com nosso bairro”, reclama Fabiano.

Não é só o Rio Branco que carece de registro histórico. O futebol do subúrbio cearense não aparece na história contada em livros nem em levantamentos feitos pelos governos estadual e municipal. Não se podem precisar quantos times há em Fortaleza. A Federação Cearense de Futebol Amador (FCFA) estima que mais de mil times jogam no subúrbio da capital. O jornalista e memorialista Alberto Damasceno acredita que, até a metade do século passado, havia cerca de 200 campos na área semicentral de Fortaleza. Hoje, o número caiu para 50. Jogadores de futebol, frequentadores dos jogos e pesquisadores culpam a especulação imobiliária pela expressiva redução das áreas de lazer. Antes, onde se tinha apenas mato, terra e uma travinha improvisada, há imponentes arranha-céus que, aos poucos, enfraquecem o futebol suburbano.

Considerando as tantas histórias de campos que foram destruídos, o Rio Branco passa por um momento privilegiado na história do subúrbio cearense. O Estádio Antony Costa, palco de sociabilidade do Antônio Bezerra, foi por muito tempo a animação dos domingos de jogadores e torcedores. Em 2008, fechou as portas para uma reforma custeada pela prefeitura de Fortaleza, administradora do espaço, que se comprometeu a entregar o estádio com uma arquibancada reestruturada, gramado, alambrado, vestiário, cabine de rádio e boxes para o comércio em dias de jogos. “Uma homenagem para o time mais antigo da cidade”. É no que acredita Francisco Barbosa, ex-jogador do Rio Branco e ex-atleta profissional. Só não esperavam que o presente demoraria tanto para ser entregue.

No mesmo ano em que iniciou a reforma, as obras foram paralisadas. A uma equipe de jornalismo da TV *Verdes Mares* que fez uma reportagem sobre o assunto em 2009, a Secretaria da Regional III informou que o motivo da paralisação era uma exigência da Secretaria de Esporte e Lazer de Fortaleza (Secel). Esta, por sua vez, havia dito que era necessário adequar o equipamento aos padrões da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), tais como a inclinação do gramado e o acesso da ambulância ao campo. As obras ainda se arrastaram pelos anos de 2009 e 2010.

Em março de 2011, quando visitamos o estádio, o engenheiro responsável, Mário de Araújo, disse estar esperando apenas a grama crescer para entregar o local à Prefeitura no dia 10 de abril, mas, até o final de maio, o equipamento ainda não havia sido inaugurado. Nós testemunhamos a obra concluída. A estrutura do estádio impressiona quem já passou pelos campos da cidade. Grama crescendo, arquibancada para duas mil pessoas, cabine para imprensa, boxes, alambrado de 1,2 metro, iluminação adequada, irrigação do gramado, pessoas cuidando da manutenção e vestiário passando por pequenos ajustes.

– Não pensava que ia ficar assim – comenta Fabiano, que relembra algumas jogadas feitas ali no estádio há alguns anos.

– Ruim é o bairro não ter um campo para revelar crianças no futebol e tirar meninos que se envolvem com drogas nas esquinas – opina Eugênio Ferreira.

O resultado final da reforma é positivo, mas o atraso afastou do campo muitos meninos do Antônio Bezerra. Sem o equipamento e com a insegurança nos demais bairros, a presidência decidiu não levar mais o Rio Branco para jogar em outros campos da cidade. Participaram apenas da Copa Fortaleza Bela e de jogos pontuais para prestigiar clubes aniversariantes que promoveram campeonatos.

– Ano passado, fomos convidados pelo time do Henrique Jorge, o Tocantins, para jogar o campeonato. Estávamos ganhando de três a zero, mas preferimos perder para sair do campeonato – justifica Eugênio.

– Esperamos o outro time virar porque estava muito violento, tinha até gente com arma no campo – completa Fabiano.

Hoje, apesar de o time não estar jogando no subúrbio, participa do campeonato cearense nas categorias de base, por ser filiado à Federação Cearense de Futebol (FCF). Com a inauguração do estádio, pretendem voltar a jogar aos domingos, mas disputando apenas com os outros 13 times da Liga do Antônio Bezerra e outros poucos clubes convidados. “A nossa mentalidade hoje é fazer uma seleção do bairro e, na inauguração do campo, convidar o Ceará, Fortaleza ou Ferroviário para jogar contra a gente. Queremos um time de evidência e não qualquer um de esquina”, planeja Fabiano, que vez ou outra ajuda a direção do Rio Branco.

O clube se mantém atualmente com a quantia de 500 reais doada pela FCF, além de patrocínios de empresas privadas. O prestígio da filiação garante que o time continue em atividade, mas afasta o Rio Branco dos times do subúrbio. Nas conversas entre os jogadores de outros bairros, que se acostumaram com a ausência do Rio Branco nos jogos de domingo, a história difundida é de que ele encerrou as atividades no futebol suburbano.

– Nós nunca paramos de jogar. O time está em atividade, mas apenas nas categorias de base – explica Fabiano.

O Rio Branco não abre mão de ser considerado o time suburbano mais antigo de Fortaleza. “E em plena atividade”, ressalva Fabiano. É a palavra dele contra a do presidente da Federação Cearense de Futebol Amador, Tony Pereira, que nega o título ao time do Antônio Bezerra e o atribui ao Venturoso.

– Não, não é. O time mais antigo, eu falo com conhecimento e, inclusive, com autoridade, nós somos a Federação Cearense de Futebol Amador, não é o Rio Branco. Ele está parado há oito anos. O que eles têm em atividade é o time filiado à Federação Cearense de Futebol e de categoria de base. O time suburbano é aquele que joga o titular e o aspirante, e categoria de base é outra federação – justifica Tony Pereira.

Mais de 800 adolescentes são treinados nas categorias de base do Rio Branco. O time que completou 86 anos sonha em formar atletas e, em um futuro próspero, disputar o futebol profissional. O Antônio Bezerra destaca-se pelo número de atletas revelados nos gramados. Hoje, dois grandes times do bairro, Estação e Rio Branco, têm registrados 179 jogadores na Federação Cearense de Futebol.

Barcelona, Real Madri, Olaria, Manchester e Flamenguinho. É comum encontrar nomes como esses no subúrbio cearense. São times que brincam de ser famosos e sonham com os dias de fama. Neles, jogam Djalminha, Edmundo, Pelé e Marta. O futebol profissional sempre inspirou o futebol amador. Na verdade, eles estão imbricados de modo indissociável. Homens e mulheres dos subúrbios ainda sonham em mudar de vida, fazendo dos gramados um trampolim.

Perdas e ganhos

O primeiro capítulo deste livro foi difícil de vir ao mundo. Depois de quase um ano vivenciando experiências futebolísticas no subúrbio, começamos a sentir a angústia de concretizar o trabalho. As primeiras linhas foram árduas de escrever. Extrapolamos o prazo previsto da entrega e conversávamos várias vezes ao dia por telefone só para fazer a mesma pergunta: “E aí, já escreveu alguma coisa?”. A cada negativa ouvida, crescia a insegurança. O encontro semanal com o orientador do projeto, Ronaldinho Salgado, foi o que nos estimulou a simplesmente começar. Nas conversas, ele nos incentivava: “Pensem nas pessoas interessantes que vocês conheceram”. Com a angústia de escrever dentro de um prazo estabelecido, começamos a traçar os primeiros caminhos do livro-reportagem. Após discutir várias vezes a metodologia de escrever o livro, decidimos que ele seria produzido a quatro mãos. Uma completaria o raciocínio rabiscado pela outra.

A nossa trajetória no futebol suburbano iniciou-se oficialmente no dia 21 de abril de 2010. No feriado de Tiradentes, conhecemos os primeiros lances de um mundo que nos fascinaria. Pegamos uma carona no ônibus alugado pelo São Vicente de Paulo Esporte Clube rumo ao campo Salgado da Gama, em Messejana. Chegamos acanhadas para colher as primeiras informações na comunidade, mas, passado pouco tempo, encontramos pessoas solícitas no nosso caminho. Durante a partida, conversamos com árbitros, empresários, torcedores e jogadores. Naquele dia, o São Vicente enfrentou o Dendê, do bairro Edson Queiroz, e ganhou de um a zero.

A experiência de conhecer o futebol do subúrbio tornou-se viciante. Nos meses subsequentes, adentramos em uma realidade que, até então, nos era praticamente desconhecida. Em todas as rodas de conversa pelas quais passávamos, alguém dava a notícia de um tio ou primo que foi jogador de futebol do time do bairro. A cada domingo, era uma nova descoberta. Essas aventuras de final de semana carregavam o duplo sabor do jornalismo: o esforço seguido de satisfação. A preparação para sair de casa no domingo de manhã sempre despertava esmorecimento. Por vezes, tínhamos de abrir mão de um programa de lazer ou encontro em família. O que nos confortava era saber que as visitas nos renderiam preciosos frutos à nossa pesquisa. A arte de conhecer histórias e pessoas sempre falava mais alto.

Não foram poucas as ocasiões em que reclamamos da nossa situação financeira e do transporte público da cidade. O meio de transporte ao qual mais recorriamos era o ônibus coletivo e, na maioria das vezes, ele estava lotado. Todos os domingos, era a mesma coisa. Reclamações seguidas de aceitação por fazer jornalismo sem as condições financeiras desejadas. Desbravamos esquecidas ruelas da cidade. O domingo, em Fortaleza, é deserto. Em alguns momentos, tivemos, sim, medo de seguir adiante nas travessias que fazíamos a pé pela capital cearense.

O maior saldo de produzir este livro, para além do conhecimento teórico, foram as pessoas que passaram pelo nosso caminho. A família Cordeiro, fundadora do time São Vicente, foi certamente a família com a qual nos relacionamos de modo mais estreito. A convivência com o fundador do time, Assis da Silva, deixou-nos uma lição de vida e de jornalismo. Faltavam dois dias para o Natal quando soubemos da notícia. Assis nos deixara. Já havíamos ouvido alguns comentários sobre a frágil saúde do ex-zagueirão, mas a morte sempre parece algo distante, impalpável. Por vezes, ele se queixava conosco das dores nas pernas, dores aqui e acolá. Narrava as idas aos hospitais públicos, a saga por médico, mas tudo parecia normal, sob controle. Aquele homenzarrão não parecia capaz de parar assim tão de repente, mas parou.

Depois do choque, veio a decisão. “Temos de ir ao velório”. Fomos. Só sentimos, na verdade, a presença da velha morte quando nos aproximamos da casa de Assis e Lunga. A rua estava lotada, familiares e vizinhos revezavam-se para ver o corpo na espremida sala. Começamos a hesitar ao passo que nos aproximávamos da casa. A coragem faltou-nos. Vislumbramos dona Lunga à distância, parecia forte como sempre fora, aquele jeitão de mulher que se basta, mas quando a abraçamos, ela desmoronou aos poucos. “É muito difícil”, ainda disse.

Nós já tínhamos construído um vínculo com aquela família. Assis sempre fora solícito quando precisávamos contatar as pessoas da comunidade. Ele era o nosso “porta-voz” e “assessor de comunicação”. “Seu Assis, a gente queria entrevistar o seu filho Clóvis”. Ele marcava a entrevista e depois ligávamos para confirmar. E quando os meninos nos deixavam esperando? “Olha, esses meninos são irresponsáveis! Eu mesmo não marco mais entrevista, porque depois sou eu que fico com vergonha”, já se ia desculpando.

A ida de Assis nos fez refletir sobre a profissão de jornalista. Ronaldinho Salgado já havia nos alertado: “Pessoal, leve câmera fotográfica para todas as entrevistas de vocês para registrar o momento. Por exemplo, Deus o livre, mas já pensou se o Assis morre de uma hora pra outra? Ele vive reclamando da saúde”. É por isso que, quando recebemos a notícia de morte, esse discurso ecoou em nossas mentes. Nunca tiramos uma foto de Assis e, por isso, não temos a oportunidade de registrar em nosso livro os momentos da entrevista que fizemos com ele e dona Lunga, em 2010. Depois desse acontecimento, a câmera fotográfica virou o terceiro elemento; a terceira repórter.

Durante a produção do livro-reportagem, decidimos que Assis estaria vivo em nossa narrativa. Os verbos escolhidos são do tempo presente, porque, na memória do São Vicente e do futebol suburbano, Assis ocupa um lugar de prestígio na arquibancada. O homem que fundou o time que rende troféus, medalhas, amizades e casamentos está vivo em uma história que não pode nem deve ser apagada.

Futebol de meninos, profissão de homens

“A história do futebol é uma triste viagem do prazer ao dever”, Eduardo Galeano.

– Não é o garoto que toma *danoninho* que vira jogador. O jogador é o moleque que passa fome e vive mal.

A frase é um dogma para Fabiano, que não cansa de repeti-la para os meninos pobres que sonham em dominar a bola nos campos de futebol Brasil afora. Ex-jogador amador e profissional, Fabiano ainda vive do futebol, mas agora fora dos gramados, apostando não no próprio talento, e sim no dos outros. É empresário, olheiro ou observador técnico. A nomenclatura pouco importa. O significado é o mesmo: homem que procura talentos nos subúrbios e neles investe em busca de um retorno financeiro.

Fabiano mora em uma residência simples construída em cima da casa da sogra. O local é estratégico: atrás da trave do gol do Estádio Antony Costa. A residência do empresário é uma arquibancada particular do futebol suburbano. Ele está sempre olhando, procurando a próxima estrela com a bola no pé. Durante toda a vida, esteve perto do gol, armando as jogadas. Hoje, fora dos campos, continua próximo ao gol, ainda armando, mas desta vez são negócios e contratos. Vendeu o carro para investir no futebol. No banco, fez uma grande dívida difícil de ser paga sem um emprego estável ou sem apostas em jogos de sorte. São os ônus de acreditar no futebol. No entanto, Fabiano olha sempre adiante e garante ter uma vida confortável com o dinheiro que ganha como empresário de meninos bons de bola.

Antes de se casar com o futebol de negócios, Fabiano construiu com a bola uma história de intimidade, que teve início aos 13 anos, no Rio Branco, onde permaneceu até a maioridade. Apesar de ser amante do time, foi jogando pela Associação Esportiva Estação Antônio Bezerra que foi descoberto. Era o campeonato cearense de 1989. Alguns times do Antônio Bezerra e de outros bairros da capital disputavam o profissional na categoria sub-20. O Estação, apesar da pouca experiência, desbancou o forte Rio Branco e tornou-se vice-campeão, perdendo apenas para o Ceará, no estádio Castelão, por um a zero.

O resultado do campeonato rendeu a Fabiano alguns convites para participar de programas esportivos em rádios da cidade. Também surgiram oportunidades para que ele e outros jogadores integrassem tradicionais clubes do Estado. Não ganhariam nada além da experiência de jogar em um time profissional. O irmão de Fabiano, que morava no Rio de Janeiro, decidiu levá-lo para tentar a sorte por lá. Jogando nos subúrbios da Cidade Maravilhosa, Fabiano conheceu famosos empresários do futebol. No lugar certo, na hora certa e com as pessoas certas, a carreira começou a deslanchar.

– Me profissionalizei no Vasco, fui campeão paulista pelo São Paulo, Luxemburgo foi meu técnico no Bragantino, joguei ainda na Portuguesa e, em 1997, no Moto Clube do Maranhão, encerrando minha carreira com 27 anos – resume Fabiano a vida profissional.

– E por que você deixou o futebol tão novo?

– Eu bebia e fumava. Com 27 anos, não conseguia mais treinar. Perdi o pique total, condição física, estrutura muscular... Quando cheguei no São Paulo, eu tinha 64 centímetros de coxa, batia falta brincando. Meu treinador falava: “Esse daí vai chegar na seleção brasileira”. Mas sabe o que acontece? Eu era um bom jogador durante o dia e, quando chegava a noite, eu pulava o muro da concentração e ia pra farra.

No universo do futebol de subúrbio, a cerveja, que reúne os amigos para falar sobre os melhores e piores lances da partida, é imprescindível. O jogador pode até beber e jogar bola. As duas ações não se anulam, o que caracteriza o esporte como um lazer descompromissado. O jogo do subúrbio perpassa futebol, amizade, dinheiro, amor e intrigas. Nas calçadas, onde jogadores e torcedores se aquecem antes de irem para o campo, nascem amores e discórdias. A arquibancada transforma-se em cenário de relacionamentos e sociabilidades. São nas conversas descontraídas que se comentam os lances das partidas, mas não somente. A pauta é longa. Casamentos, vícios e traições também entram na lista. As relações sociais impulsionadas direta ou indiretamente pelo futebol são mais complexas do que se poderiam supor reflexões superficiais acerca do assunto.

Na sociologia, é possível encontrar explicações mais consistentes para o fenômeno vivido nos bairros de Fortaleza. Para o sociólogo e filósofo alemão Georg Simmel, a sociabilidade é definida como a “forma lúdica de sociação”. Essa interação

fortalece laços familiares e comunitários. Longe de ser banalidade do cotidiano ou justificativa para fanfarrice, as tradicionais reuniões de domingo pré e pós jogo estruturam-se como agentes de sociabilização. O pesquisador Édison Gastaldo acredita que é possível “pensar a sociabilidade como uma espécie de *jogo da vida social*, um momento lúdico, de prazer, distinto das coisas sérias da vida cotidiana, este frágil refúgio das agruras do mundo do trabalho, da economia e da política”. No caso do futebol suburbano, é o envolvimento com o jogo de bola o impulsionador do jogo da vida social.

No futebol profissional, os atletas têm de submeter-se a regras. São proibidos de ingerir álcool e fumar cigarro, e até a abstinência sexual pode ser exigida pelos técnicos nas concentrações de grandes campeonatos, como a Copa do Mundo. Quem não entra no ritmo acaba desistindo do futebol-dever, como é o caso de Fabiano.

– Se você sair do subúrbio e o subúrbio não sair de você, você não vai ser profissional. O que é o subúrbio? Você joga uma partida, termina, toma uma cervejinha. No profissional, terminou e não tem nada. No outro dia, você treina. Concentra na sexta-feira, domingo joga e, na segunda-feira, você treina. Em qualquer trabalho, você tem o domingo pra qualquer atividade. No futebol, você treina de segunda a sexta e no domingo deve estar concentrado pra jogar.

O observador técnico olha para o passado com a certeza de que, como poucos, teve a oportunidade de ascender socialmente através do futebol. Se não o conseguiu, é porque, para ele, jogar bola sempre esteve associado ao prazer. Desde 1998, busca a ascensão fazendo apostas nos jogadores que considera bons, mas ensina para os meninos com quem trabalha que, para ser profissional, é preciso evitar bebidas, cigarros e festas. “Se eu tivesse a cabeça que eu tenho hoje, estava rico. O problema é que eu não tinha ninguém pra me aconselhar”, reflete o ex-jogador.

Na esquina do Estádio Antony Costa, enquanto Fabiano relembra momentos da vida de jogador e do atual trabalho, André Rodrigues Silva vem chegando do treino, ainda vestido com o uniforme do América Football Club.

– Tá aí. Esse ali é o André. Reeiiiiiii, vem cá! – grita Fabiano.

Fabiano tem a “ficha” de André na cabeça. O menino, chamado de rei no Antônio Bezerra e de André Silva nos outros estados, é apresentado também pelos times que jogou: Vasco, Figueirense e Paraná Clube. Voltou ao Estado do Ceará para se profissionalizar no América, mas em breve embarcará ao Paraná para jogar no time Irati. A explicação para o apelido de “rei” é simples.

– Quando eu era criança, meu tio me colocava na cabeça e dizia que era rei, aí pegou. Todo mundo no bairro me chama assim – André explica meio encabulado.

– E por que nos outros times você é apenas André Silva?

– Porque pelos times que passei, já ouvi dizer: “Rei só tem dois. Rei Pelé, do futebol, e rei Roberto Carlos, da música”.

Na escola e no futebol, André é considerado velho, apesar de ter apenas 18 anos. Para se dedicar ao sonho de ser jogador, teve de atrasar alguns anos de estudo. Como consequência, ainda está cursando a oitava série do ensino fundamental, enquanto outros jovens da idade dele já estão ingressando na universidade. Ele dedica-se ao futebol desde os 11 anos de idade, jogando em escolinhas de clubes profissionais e em times do subúrbio, como o Rio Branco. A dedicação não foi suficiente para que fosse contratado pelos times por que passou. É preciso ainda muita sorte.

A história de André configura-se como uma metonímia do trabalho dos empresários do futebol. Fabiano custeia a academia de André há sete anos, paga as passagens dele quando tem de jogar fora ou participar de um teste em outro estado e chega a comprar remédio para o garoto caso a família não consiga arcar com os custos.

– Tem caras revoltados aqui que dizem: “O André não dá mais dinheiro, não. Se não deu dinheiro mais novo, velho é que não vai dar”. Ninguém nunca sabe – Fabiano comenta sem se preocupar com a presença de André.

– E você não fica triste quando falam isso de você, André?

– Fico, sim, mas eu gosto quando falam, porque, pra mim, é uma motivação a mais.

Fabiano acredita que o valor investido na academia e nas passagens aéreas de André vai trazer-lhe retorno financeiro. O plano é que ele faça um bom campeonato

pelo time em que vai ter oportunidade de jogar e depois seja vendido para um clube maior. “Espero vender ele por pelo menos 500 mil reais”.

Ser tratado como mercadoria por empresários já é comum ao jovem jogador. “Não me importo, eles falam na frente da gente mesmo o nosso valor. É normal”, explica André. “É mercadoria mesmo”, interrompe Fabiano. Caso André seja realmente “vendido” de um clube para outro por 500 mil reais, a empresa que administra o contrato e o empresário têm direito a 20% cada um. O clube que vendeu fica com 60%, dos quais 15% vão para o jogador e cinco por cento para o clube formador.

A legislação brasileira avançou no que diz respeito à autonomia do jogador de futebol. Nos anos 1970, o atleta estava subordinado ao time pela Lei do Passe, que dava ao clube o direito de ceder ou não o jogador para outro time durante a vigência do contrato ou mesmo depois do término. O jogador também poderia obter o passe livre aos 32 anos, quando a capacidade física já se torna limitada para competir. A lei não permitia que o atleta profissional pudesse escolher em qual time trabalhar, tornando-se cativo do clube formador.

Somente no final dos anos 90, com a criação da Lei Pelé, proposta pelo próprio ex-jogador quando ministro do Esporte, a Lei do Passe foi derrubada. Os jogadores ganharam o direito de romper o contrato antes do tempo previsto, com a pena de pagar multas rescisórias aos clubes. A lei garante ainda que, nas negociações dos jogadores, cinco por cento do valor acordado para a transferência devem ser distribuídos às entidades desportivas que contribuíram para a formação do atleta. Com os avanços conquistados, os jogadores gozam de maior autonomia ante os clubes profissionais, no entanto passaram a vivenciar outra amarra: a figura do empresário.

O salário de André, quando já for um atleta profissional e com carreira consolidada, estará sempre comprometido com uma dívida que o perseguirá durante toda a vida. Se ele firmar um acordo de dois mil reais por mês, 10% do valor poderá ser da empresa que administra seu contrato, no caso a agência FairPlay Talentvs, parceira do América, e acima de dois mil reais, poderão ser subtraídos 20% do salário. A porcentagem não é fixa e varia de contrato para contrato. São muitas as pessoas que depositam expectativas no jovem atleta, que sonham com a mudança de vida que o futebol pode propiciar. Talvez André não saiba que a Lei Pelé garante que apenas cinco

por cento da “compra” do jogador devem ser encaminhadas para os clubes que investiram na formação dele.

O jornalista e memorialista Alberto Damasceno acredita que, nos primórdios, o futebol era uma forma de lazer. A partir de 1924, entretanto, tornou-se uma atividade profissional e, nos últimos dez anos, transformou-se em um negócio rentável. Esta opinião é compartilhada por autores e entusiastas do futebol que vivenciaram a febre do esporte no começo do século passado. “Ao mesmo tempo em que o esporte se tornou indústria, foi desterrando a beleza que nasce da alegria de jogar só pelo prazer de jogar. Neste mundo do fim de século, o futebol profissional condena o que é inútil, e é inútil o que não é rentável”, reflete o escritor uruguaio Eduardo Galeano no livro *Futebol ao sol e à sombra* (2004).

Fabiano, a exemplo de outros empresários do futebol, sabe que as empreitadas só têm retorno a longo prazo. É preciso paciência para um investimento tão incerto como os anseios de um adolescente. “Uma vez, eu comprei um jogador por 50 mil reais para investir nele. Três meses depois, ele foi embora, parou de treinar e disse que ia trabalhar no comércio. Eu fiquei com o prejuízo”, lamenta o olheiro. Fabiano, o homem que nasceu com a bola no pé, tem certeza de que seus meninos lhe renderão a estabilidade financeira que ele próprio não foi capaz de alcançar.

No bairro do Conjunto Ceará, distante cerca de seis quilômetros da casa de André, no Antônio Bezerra, mora outro garoto que também persegue o sonho de ser jogador. É Artur de Oliveira Lima, de 20 anos. Os dois são talentos do futebol, jogaram em outros estados, são extremamente disciplinados no treinamento e dizem que de tudo na vida sabem apenas jogar bola. As oportunidades que vieram para os dois foram diferentes. André iniciou no futebol jogando em times do subúrbio, depende da ajuda de Fabiano para pagar academia e passagens aéreas e já atrasou alguns anos na escola. Já Artur tem uma assessoria técnica profissional para alcançar o sonho de ser jogador.

Durante três dias da semana, com a ajuda de custo para o transporte, Artur desloca-se do Conjunto Ceará para o Centro Esportivo de Treinamento do Nordeste (Ceten), localizado no município de Itaitinga, a 25 quilômetros de Fortaleza. Quando desembarca no terminal de Messejana, um ônibus particular do Ceten já está à espera dele e de outros meninos. O Centro, uma iniciativa privada, oferece a meninos de baixa

renda, em sua maioria, um estádio com medida oficial da Fédération Internationale de Football Association (FIFA), 68m x 105m, três campos de treinamento e um campo soçaito, além de piscina, dez apartamentos para alojar os atletas, salas de fisioterapia, fisiologia, farmácia e consultório. À disposição deles, há técnicos, educadores físicos, fisioterapeuta, nutricionista, assistente social e psicólogo.

No total, são atendidos 120 garotos, selecionados através de peneiradas mensais, como bem se diz no dicionário do futebol. A nomenclatura é auto-explicativa. Na peneira, só os melhores são aproveitados. O vice-presidente do Ceten, Fernando Oliva, conta que, na última seleção, 11 cidades do Estado foram visitadas. De 4.500 garotos observados, apenas 40 foram escolhidos. Os meninos que moram no interior mudam-se para os apartamentos do próprio Centro, com alimentação, escola e atendimento médico custeados. Já os meninos que residem em Fortaleza recebem ajuda de custo para as passagens.

“Numa leitura de bordo, meu pai (*Ângelo Oliva*) viu uma reportagem abordando o pouco incentivo ao esporte e a carência de centros de treinamentos no Brasil. Daí veio a ideia de construir um centro aqui em Fortaleza. Ele conversou comigo, fizemos um planejamento e vimos que dava para construir”, Fernando resume o projeto que custou cinco milhões de reais e saiu do papel em apenas 18 meses. Apesar de ser fruto de uma iniciativa privada, metade dos oito hectares do Ceten foi doada pela Prefeitura Municipal de Itaitinga. O equipamento conta ainda com recursos da Lei de Incentivo ao Esporte.

Em funcionamento há um ano e meio, o Ceten comprou o já existente Centro Esportivo União para ter direito a disputar o campeonato cearense nas categorias de base e firmou parceria de um ano com a Sociedade Esportiva Palmeiras. Coube ao clube paulista doar o material esportivo para técnicos e jogadores, socializar a metodologia de treinamento e oferecer a marca para divulgação do Centro. Em contrapartida, o Palmeiras tem prioridade para receber os atletas formados pelo Ceten. Através da sociedade, 12 atletas já foram encaminhados para as categorias de base do clube paulista.

Artur já treinava no União antes de ser “comprado” pelo empresário Ângelo Oliva e permaneceu mesmo depois da venda. Em 2010, foi negociado para jogar na

categoria profissional do Ferroviário Esporte Clube. O jogador nunca quis integrar times do subúrbio. “Não gosto do subúrbio porque, se machucar, já era. Já vi amigos que jogavam no profissional e se machucaram nos times de subúrbio e hoje tiveram de trabalhar com outra coisa. Tem um que é cobrador de ônibus”, argumenta Artur.

Como outros rapazes que se dedicam ao futebol, Artur também atrasou na escola. Já teve duas reprovações e está fazendo o último ano do ensino médio pela terceira vez. Apesar de a direção do Ceten mostrar-se preocupada com a educação dos jogadores, quando se joga num time profissional, sobra pouco tempo para a escola. “No ano passado, quando eu estava no Ferroviário, fiquei em concentração na pré-temporada do profissional e não quiseram me liberar para fazer as provas. Quando eu saí, a diretora disse que não dava mais pra fazer e perdi o ano”, comenta Artur, que pensa em fazer uma faculdade, mesmo sabendo que tem pouco tempo livre para dedicar aos estudos.

– Então se não der certo no futebol... – arrisca uma das repórteres.

– Não comigo. Se eu não soubesse jogar bola, já teria feito outra coisa. Esse é meu foco. Quero ser jogador – interrompe Artur.

A escolaridade dos jogadores de futebol no Brasil é discutida em rodas informais de conversa e é mais recorrente em períodos de Copa do Mundo. Em documentos formais, é árdua a tarefa de encontrar dados sobre o futebol profissional. Faltam pesquisas e estudos sobre nível de escolaridade e renda dos jogadores, talvez porque os clubes não facilitem a divulgação de informações.

Diante da necessidade de uma opinião sobre a importância da vida escolar na formação de um jogador, conversamos com o ex-jogador e colunista Sérgio Redes, popular pelo apelido de Serginho Amizade. Carioca radicado no Ceará, Serginho fez carreira no futebol de 1971 até 1979, passando por Botafogo, Olaria, América (RJ), Ceará e Fortaleza. Como poucos profissionais da área, depois de aposentar as chuteiras, Serginho deu continuidade aos estudos, graduando-se no curso de Educação Física e lecionando no ensino superior. Aqui, a narrativa pede licença para a entrevista com Sérgio Redes.

Orgulho Suburbano (OS): Nos motivamos a fazer esta entrevista depois que conhecemos André Silva, que está se profissionalizando pelo América Football Club.

Ele já jogou em times do Rio de Janeiro e do Paraná. Voltou ao Ceará para se profissionalizar. E deve retornar em breve para o sul do País. Ele chamou nossa atenção porque é tratado pelo empresário como uma mercadoria e não vê nisso o menor problema. André tem 18 anos e ainda está cursando a oitava série. A baixa escolaridade de André o deixa mais vulnerável a ação mal-intencionada de terceiros?

Sérgio Redes – Isso com certeza, mas, na verdade, fica um sonho de ser um jogador e viver disso. Quando eu comecei a jogar futebol e a ganhar dinheiro, a coisa que eu mais pensava era: “Pô, os caras vão me pagar pra eu fazer a coisa que eu mais gosto na vida”. Jogar é muito legal. Se você jogar no estádio do Barcelona, no Maracanã, no Castelão com (*público de*) 50 a 60 mil pessoas é muito legal, mas se você joga também no seu município, no time do seu município, porque tem muita gente que torce, você vira uma figura popular, as pessoas gostam de você... Então você começa a despertar esse sonho. Aí você está jogando num cantinho qualquer de uma cidade, alguém te vê e fala: “Esse menino é bom de bola, vou levar para um município um pouco maior”. E o sonho toma conta da cabeça dele e frequentemente ele não estuda, não tem outra coisa pra fazer. Ele imagina que vai ser possível ser isso (*jogador*). Ele sonha com isso. É o sonho de muita gente.

OS – Então, nesse caso, focando na baixa escolaridade, mas no sentido de ele ser aproveitado por outras pessoas que têm uma esperteza à frente dele, será que essa baixa escolaridade ou inocência não pode deixá-lo mais vulnerável...

Sérgio – ... Das coisas darem errado na vida dele também. Você tem um sonho, mas a chance de você realizá-lo é uma porcentagem mínima. A maioria vai ficar pelo caminho e, no caso dessas pessoas como o André, ele bate a cabeça mesmo. Vai lá, passa um mês, passa dois meses. Tenta de um lado, tenta do outro. Ele fica amarrado lá onde tem um contrato e ele não tem outra coisa, ele não está estudando. Então a vida dele só tem esse caminho. Geralmente, nas divisões de base, você não tem essa orientação de que a criança tem de estudar, porque ocorre assim: se o jogador tem talento, imediatamente tem alguém interessado em ganhar dinheiro com ele. Isso, hoje em dia, é uma coisa muito mais notória porque está todo mundo muito desesperado por dinheiro. Uma sociedade muito espetaculosa e todo mundo quer dinheiro, quer dinheiro, quer dinheiro... No Brasil, por exemplo, acontece uma inversão de valores. Como o futebol é caro e dá trabalho formar um jogador, o que as empresas estão fazendo? Elas

estão trazendo os jogadores de fora de novo e os jogadores mais novos e talentosos que poderiam ser investidos ao invés de ficarem no clube vão embora com 16 e 17 anos. Já vão embora para a Europa e os mais velhos que não servem mais para lá estão voltando. Por exemplo, o Ronaldinho Gaúcho faz duas ou três boas jogadas durante uma partida porque ele tem talento, mas é a grande estrela do País. A Academia Brasileira de Letras pegou carona na popularidade dele. E ele diz “Nunca li um livro na minha vida”. Um milionário. *(No dia 11 de abril de 2011, data em que se comemoraram os 110 anos do escritor e rubro-negro José Lins do Rêgo, o jogador e o técnico Luxemburgo foram homenageados com a medalha Machado de Assis, que é a maior honraria da Academia Brasileira de Letras).*

OS – Em um dos artigos que lemos (*O fim do passe e as transferências de jogadores brasileiros numa época de globalização, de Francisco Xavier Freire Rodrigues, ano 2010, portal Scientific Electronic Library Online - Scielo*), encontramos relatos de documentos da CBF (*Confederação Brasileira de Futebol*) de 2006 que mostram que a maior parte dos jogadores não terminou o ensino fundamental. Hoje, as escolinhas pagam as escolas dos jogadores. Isso é reflexo de que o futebol tem evoluído?

Sérgio – A sociedade como um todo. Principalmente para vocês que são mais novas, a sociedade vem dando um salto. Vocês têm tido uma melhoria de condição de vida concreta. Isso melhora tudo.

OS – A Lei Pelé também contribuiu para que o futebol tenha evoluído?

Sérgio – É. Eu fui jogador com o “passe preso”. Isso significava que era uma coisa escrava. Então eu só podia sair do clube se alguém comprasse meu passe. Com a Lei Pelé, você passou a ter um contrato profissional e você pode fazer um contrato de, no máximo, cinco anos. Com 16 anos, você pode fazer o seu primeiro contrato profissional que vai até 21 anos. A Lei Pelé contribuiu para que o jogador tivesse mais liberdade, só que apareceu a figura do empresário, que passou a deter os direitos dos jogadores. Então como é que a coisa ocorre hoje? Lá no campo do Terra e Mar (*time amador do bairro da Praia de Iracema*), vai ter um joguinho de garotos de 13 anos, e você vai lá. Você fica vendo e pensa “como aquele garoto joga bola bem” “E quem é o pai dele?” E vai lá. “Seu Zé, você me dá uma procuração para eu responder pelos

interesses do seu filho?” Pronto. Daí você passa a ser o empresário desse jogador. Então o que tem de “nêgo” espalhado pelos campos... Vocês devem ter visto isso.

OS – Ainda é uma incógnita a Lei Pelé?

Sérgio – Não, o que se discute na Lei Pelé é que o clube teria ficado prejudicado pelo fato de não ter mais o passe do jogador. Só que o clube não pode ter sua renda principal na compra e venda de jogador, porque é gente. Gente é diferente. Não dá para vender gente. Nosso profissionalismo é muito atrasado. Eu sou favorável à Lei Pelé quando diz respeito ao passe ser livre, mas os jogadores ficam reféns dos empresários...

OS – Agora aí entra a questão da baixa escolaridade...

Sérgio – ... Claro que entra. Quem não estuda não aprende. Já viu como jogador responde a pergunta? “Não, já falei com o professor”. Todo mundo é professor (*para ele*). O técnico é professor. Ao Sócrates, que era um jogador inteligente, perguntaram uma vez: “Por que jogador sempre responde a mesma coisa?” E ele respondeu: “Porque sempre lhe fazem a mesma pergunta”. Tem uns jogadores que não têm certa escolaridade, mas têm uma agilidade mental, uma esperteza com a vida. Mas a escolaridade é certa. O sujeito é pouco informado e fica refém de qualquer empresário.

OS – Você foi jogador de alguns times profissionais, mas acabou seguindo uma trajetória diferente. Graduou-se...

Sérgio – Tive um tipo de formação diferente. Primeiro, fui aluno de colégio de padre. Fui aluno interno. Tive duas coisas boas: uma base de colégio interno, onde aprendi português fazendo análise sintática em latim e, depois disso, fui hippie, que me fez aprender a ter poder de síntese e a me comunicar com as pessoas. O que me levou a ser hippie foi a insatisfação com a sociedade e a discussão de valores no período da ditadura militar. Eu não era só um jogador de futebol. Eu era uma pessoa vivendo meu tempo e reclamando. E sabia jogar.

Sonho de ser jogador e prazer de jogar bola

O mesmo homem que hoje garante a existência do São Vicente ao lado da família e dos vizinhos já foi jogador do time que coordena. Quando criança, sonhava em se profissionalizar nas quatro linhas. A estrutura física de Clóvis, alto e forte, fez com

que assumisse a mesma posição do pai, Assis, e do irmão, Clodoaldo: zagueiro. Enquanto foi possível, Clóvis buscou alcançar o sonho através das escolinhas de futebol e dos jogos disputados pelo São Vicente aos domingos. Não teve muito tempo para aproveitar as oportunidades no universo futebolístico. Aos 14 anos, a realidade econômica da família o fez desistir de ser jogador para ajudar a colocar comida em casa. “Futebol é coisa difícil. Se der pra você, é bom. Se não der, você não arranja mais nada. Minha mãe queria que eu fosse jogador, mas queria também que eu ajudasse em casa. Na época, meu pai estava desempregado e aí surgiu a oportunidade de trabalhar”, Clóvis relembra uma história que poderia ser contada por milhares de outros jogadores do subúrbio.

O sonho ficou para trás e sem arrependimentos. As partidas de futebol aos domingos, não. Hoje, aos 32 anos, não consegue recordar do dia em que começou a frequentar os jogos do subúrbio. Jogou no Bandeirante, no Barbosa, no Cruzeiro e no Antônio Bezerra. “Mas nesses times, só joguei campeonatos. Todo domingo só no São Vicente”, salienta o ex-zagueiro. Nos últimos três anos, ele garante a defesa do São Vicente fora dos gramados, torcendo e planejando modos de captar recursos para colocar o time em campo. Parou de jogar pelas contusões na coxa e no joelho.

Clóvis lembra que o campo estava molhado e a bola, pesada por conta da água. Quando chutou, o músculo da coxa abriu seis centímetros. No momento, não sentiu dor. Somente no domingo seguinte, quando chutou novamente a bola, sentiu a dor que o fez cair. O médico receitou-lhe, aplicou injeção no local machucado e recomendou evitar os campos por quatro meses. O zagueiro do São Vicente obedeceu as instruções do médico, mas, quando voltou a jogar, contundiu-se novamente. Dessa vez, já sabendo dos procedimentos, auto medicou-se e permaneceu três meses sem jogar. “Aí perdi o gosto. Ia pro campo só pra beber. Acho que era medo de me machucar de novo”. Como Clóvis interrompeu a atividade de forma abrupta, o músculo da coxa atrofiou e afastou o joelho da rótula. O tratamento só pode ser feito com fisioterapia ou cirurgia. As dores são constantes, mas a única alternativa de Clóvis é esperar na fila pelo atendimento gratuito no programa oferecido por uma faculdade privada do Ceará.

A história contada por Clóvis já aconteceu com incontáveis jogadores que se aventuram no futebol amador. Lúcia, a torcedora incansável do São Vicente, já viu “muita coisa feia” nos campos do subúrbio. “Teve um jogador do nosso time que

quebrou a perna durante o jogo. Ele passou quatro meses lá na casa da dona Lunga. Ela ficou cuidando dele, levando pro hospital e tudo”, garante Lúcia. Para ela, as relações de amizade intermediadas pelo futebol não se encerram dentro do campo. “O jogador se machucou, então o time teve que ajudar, né? Porque o jogador que joga no nosso time não é aquele jogador que vai embora, não. São todos amigos mesmo. Se acontecer algum acidente, a gente tá pronto pra ajudar”, enfatiza.

De todos os sofrimentos que o futebol concedeu a Lúcia, um é inesquecível: a falta de dinheiro para investir na carreira do filho, Gilson, que parou de jogar aos 16 anos para trabalhar em um mercadinho do bairro, que lhe exige domingos e feriados. A exemplo de inúmeros jovens que praticam o esporte, ele sofreu uma lesão no tornozelo durante um jogo do subúrbio. O acidente, entretanto, não lhe impediu de jogar nem lhe deixou cicatrizes físicas. “Só ficou a seqüela de querer continuar e não poder”, lamenta Lúcia, uma apaixonada por futebol que teve de ver o filho parar de fazer o que ela acha mais bonito na vida: brincar com a bola no pé.

A necessidade de trabalhar e a falta de preparação física adequada são fatores determinantes para que jovens pobres desistam do sonho de ser jogadores. No futebol, além de talento, é preciso mais. A barriga avantajada de Clóvis e o joelho machucado denunciam o abandono do futebol como prática esportiva. Nos campos de subúrbio, é comum encontrar homens que um dia brilharam com a bola no pé, mas foram obrigados a abandonar a atividade por contusões ou mau condicionamento físico.

Na maioria das vezes, são jovens que teriam condições de jogar caso recebessem um treinamento físico adequado, mas a falta de preparação deixa marcas incuráveis nos joelhos, nas coxas, nas panturrilhas e na memória desses jogadores. Muitos deles ainda não completaram 30 anos de idade, mas já ganharam a famosa “barriga de chope” por conta da cerveja tomada antes, após e até durante os jogos. Clóvis diz já ter jogado de ressaca. Para ele, a bebida alcoólica pode ser uma explicação pela preguiça dele dentro de campo. “Eu era verminoso, mas não tinha vontade de jogar. Não queria correr atrás da bola”, conta provocando risadas nas repórteres.

Clóvis mora a um quarteirão do irmão mais novo, Clodoaldo, que construiu a casa em cima da residência dos pais. Seguindo os passos do irmão mais velho, Clodoaldo nasceu no futebol de várzea. Também frequentou uma escolinha de futebol

do bairro que era mantida pelo governo, sonhou em se profissionalizar e foi interrompido pela obrigação do trabalho ainda garoto. “Atualmente, é mais fácil se tornar um jogador profissional. No meu tempo, era difícil nossos pais sustentarem a gente. Hoje, você vê menino de 19 anos que não trabalha ainda. Eu era entregador, já trabalhei até como servente de pedreiro. Meu pai ia trabalhar e eu ia com ele”, diz.

Apesar de os pais serem “donos” do São Vicente, Clodoaldo jogou alguns anos no outro time da família, o Bandeirante. Das vitórias que vivenciou, uma marcou-lhe a memória. Naquela manhã, ele levantou-se junto com o amanhecer do sol. Para quem joga futebol no subúrbio, o domingo é um dia longo. Nos descampados da cidade, os jogos começam cedo, às oito horas da manhã, e se estendem até as cinco da tarde. Clodoaldo tomou rapidamente o café preparado pela mulher e foi para a casa da avó materna, Joana Cordeiro, a “dona” do Bandeirante. É de lá que partem os jogadores e torcedores do time rumo ao jogo. Os domingos são sempre animados na rua de dona Joana. No entanto, esse teve um sabor especial: era a final da Copa Gol de Placa, também conhecida como Suburbão.

Os campeonatos no subúrbio são mais disputados do que os jogos de rotina, pois há prêmios para os vencedores e uma atenção maior da mídia local. Os torneios mais populares são a Copa Gol de Placa, organizada pela Federação Cearense de Futebol Amador, e a Copa Fortaleza Bela, da prefeitura de Fortaleza.

Naquele dia, o time Bandeirante jogou como de costume. Torcedores e jogadores lotaram o ônibus alugado para levá-los ao campo. O percurso foi animado pelos gritos de guerra e pelas músicas de pagode com o acompanhamento do surdo, dos pandeiros e das batucadas nas cadeiras do coletivo. Antes de entrar em campo, os jogadores abraçaram-se e rezaram para que Deus abençoasse a partida e garantisse a vitória. O futebol, para a comunidade do Bandeirante, é uma religião, com reuniões marcadas sempre aos domingos.

Pela fé ou boa atuação dos jogadores em campo, o Bandeirante conquistou a tão esperada vitória. Para além do dinheiro e do troféu, a final do Suburbão é considerada por Clodoaldo o jogo mais marcante da trajetória dele no futebol suburbano. “Já fui campeão pelo Bandeirante várias vezes, mas essa vitória foi a de maior valor, porque

teve repercussão até no Globo Esporte (*Programa da TV Verdes Mares*)”, relembra orgulhoso.

Nos campos do subúrbio, Clóvis, Clodoaldos, Fabianos, Dineis, Franciscos e outros tantos ganham o minuto de glória. Saem de uma semana cansativa de trabalho, no qual são apenas nomes em crachás de identificação, para tornarem-se, ainda que por uma noite, heróis das comunidades deles. Em um domingo qualquer, ganham cerveja de graça, medalha de artilheiro e respeito dos amigos. Tudo devido a uma jogada decisiva, um gol de bicicleta ou um troféu levado à comunidade.

Da pelada a Pelé

Francisco Barbosa Pinheiro Filho, o Barbosa, acorda mais tarde do que de costume. Ouve da janela do quarto uma marcha de soldados que já se tornara comum à rotina dele. O menino de 16 anos levanta-se e se assusta com o horário. Já passava das dez e ele ainda nem tinha combinado com os colegas os pormenores do jogo da tarde. O ano era 1964. Barbosa nem imaginava quão significativo seria aquele ano na história do Brasil e na própria história. O País viveria um golpe. Ele, uma revolução. Enquanto o garoto ensaiava passos na sala de casa para imitar o herói da época, o rei Pelé, um grupo de estudantes secundaristas protestava nas ruas do Centro da cidade por democracia. Aquela manifestação, entretanto, jamais atrapalharia o jogo sagrado das tardes de domingo no subúrbio.

Depois do almoço, Barbosa vai à calçada para prostrar-se com os colegas. Após uma hora de papo, os garotos caminham para o campo de futebol. Quando faltam cinco minutos para o começo da partida, Barbosa benze-se e pede a Deus que lhe garanta uma vitória. Mal sabia o garoto magricela que nas arquibancadas improvisadas daquele campo de barro havia um olheiro que iria fazer uma peneirada. Barbosa jogou como costumava fazer nas ruas do bairro, driblou o adversário, mandou beijo para a torcida, armou jogada para o centroavante e foi um dos responsáveis pela vitória do time. A molecagem do garoto não conquistou somente fãs, paqueras, mas também um descobridor de talentos. Ivonízio Mosca de Carvalho não hesitou. Seria Barbosa o novo lateral esquerdo contratado no Ferroviário Atlético Clube, time profissional da capital cearense.

Barbosa nasceu e se fez adulto no Antônio Bezerra, em Fortaleza. Quando completou 15 anos, foi convidado pra jogar no time mais tradicional do bairro, o Rio Branco. Para o menino que via a bola como companheira de todas as horas, o convite pareceu-lhe irrecusável. “Todo ano, eu pedia uma bola de presente pra papai Noel”. Enquanto o bom velhinho não atendia às preces dele, Barbosa improvisava a seu modo. “Minha mãe ficava doida porque, quando ela saía de casa, eu pegava as meias dela e fazia uma bola pra jogar na rua”, lembra.

A temporada no subúrbio foi curta, apenas três anos. O time que primeiro lhe acolheu, o Rio Branco, exigiu um retorno em troca do craque. Mais por consideração do que por obrigatoriedade. Àquela época, ainda não existia uma legislação que garantisse uma contribuição aos times dos quais saíram os jogadores profissionais. O Ferroviário doou cinco uniformes completos ao Rio Branco e uma pequena quantia em dinheiro que garantiu a reforma da sede do clube.

Após 1964, o sonho do garoto que queria ser Pelé se concretizou. Do Ferroviário, foi para o Flamengo do Piauí, o Nacional de Manaus e o Maguari, mas foi o “Ferrim” que lhe deu a maior emoção da carreira futebolística: jogar com Pelé. Em 1968, o Estádio Presidente Vargas, em Fortaleza, seria palco do espetáculo. Ferroviário contra Santos, time materno de Pelé. O resultado não poderia ser mais justo. Zero a zero. O sonho de Barbosa não poderia ter sido mais bem atendido.

– A partida começou às três da tarde, mas duas horas antes já não havia mais banco pra quem quisesse assistir. Me lembro bem que, já no campo, olhei para as torres de iluminação e as pessoas estavam todas trepidas. Não tinha uma vaga pra nada. Foi um negócio fantástico. Nessa época, não tinha televisão. Eu só conhecia o Pelé de nome e pelo rádio. Então eu queria ver o rei. Nesse dia, nós jogamos, ele passou por mim, nos esbarramos algumas vezes. No início da partida, eu deixei de prestar a atenção na bola para ver o Pelé. Aos poucos, a tremedeira foi passando e fizemos o jogo – recorda Barbosa com detalhes do primeiro dos quatro jogos contra Pelé.

Mais de 40 anos se passaram desde a tarde de domingo que daria a Barbosa o protagonismo de sua história. Com 63 anos não aparentes, hoje o ex-jogador de futebol se ocupa em resguardar a memória do esporte cearense. Atualmente, é presidente da Associação de Garantia dos Atletas Profissionais do Ceará (Agap). Na memória,

coleciona glórias de um período áureo da vida profissional e também lamentações de uma realidade que o ex-atleta se recusa a aceitar. “É com tristeza que hoje passo pelas ruas do Antônio Bezerra e vejo os campos de futebol destruídos”. Barbosa acredita que o subúrbio está revelando menos talento do que antigamente. A falta de campos seria uma das razões. As escolinhas de futebol que investem nos garotos ainda muito cedo se configuram como outro motivo. E, como pano de fundo dessa realidade, ainda há a existência de algumas práticas que passaram a disputar a atenção dos jovens nas tardes de domingo, como o uso de álcool e drogas.

Garimpendo histórias e personagens

A princípio, reportar o sonho de ser jogador e as dificuldades que ele enfrenta de moleque nas peladas até se tornar atleta profissional não foi uma tarefa fácil. Já tínhamos quase dez meses de caminhada pelos subúrbios e muitos áudios de entrevistas com jogadores, mas a sensação que tínhamos, ao abrir um documento na tela do computador, era de que faltava uma nova história, um personagem.

A poucos dias do prazo de entrega do segundo capítulo, permitimo-nos novos ares. Deslizamos pé ante pé na rua. Garimpávamos gente na intenção de lapidar histórias. A tiracolo: caneta, bloquinho, gravador, câmera e perguntas muitas. O jornalista Alberto Damasceno foi a primeira pessoa a ser procurada na nova fase de apuração. Tentávamos entrevistá-lo há algum tempo, mas nossas agendas recusavam-se. Não é de nosso feitio desistir de uma entrevista facilmente. Apesar dos desencontros e aborrecimentos, esgotávamos todas as possibilidades de conseguir falar com nossos entrevistados. A desistência só vinha diante de um sonoro e enfático NÃO.

Decidimos entrevistar Alberto Damasceno sem antes marcar uma entrevista, já que outras tentativas foram fracassadas, apesar de ele ter se mostrado acessível. Atualmente, ele trabalha na sede do Ceará Sporting Club, que fica no caminho entre as nossas casas e poderíamos ir a pé. Decidimos, então, arriscar a sorte. E ela sorriu pra gente! A entrevista que não tomaria o tempo de ninguém se transformou em uma boa prosa de uma hora. O homem experiente, que carrega na memória a história do futebol cearense, abriu o longo livro que é a sua vida e desatou a falar sobre as partidas que presenciou dentro e fora do Brasil. Quando era empresário, percorreu mais de 90 países a procura de “lar” para os jogadores mais ousados. Em alguns momentos, ele nos foi a fonte mais precisa em relação aos dados dos campos e dos times de subúrbio.

De lá, saímos com a sugestão de procurar o ex-jogador do Ferroviário, Francisco Barbosa, que começou a carreira jogando no Rio Branco. Barbosa nos surpreendeu com lembranças das peladas de rua e do jogo contra o rei Pelé no Estádio Presidente Vargas (PV). Saímos empolgadas da entrevista realizada na sede da Associação de Garantia ao Atleta Profissional de Fortaleza, no PV, e caminhamos apressadas para a reunião de orientação, não porque estávamos atrasadas, mas porque queríamos dividir as histórias

ouvidas com o Ronaldinho, nosso orientador ávido pelos causos que trazíamos do futebol.

Uma entrevista sempre leva a outra. Algumas dão certo, outras, não, mas até estas nos levam a algum lugar. Alberto Damasceno nos indicou Barbosa, que, por sua vez, sugeriu procurar o irmão dele, um dos diretores do Rio Branco. Ele não quis conversar e deu o contato de outro diretor. Sem horário livre, ele passou a bola para Fabiano Macau, a figura responsável pela existência do segundo capítulo. O ex-jogador amador e profissional e atual empresário de jovens talentos nos dedicou uma tarde inteira para contar um pouco da história do Rio Branco. Apresentou-nos a personagens do time, levou-nos até o Estádio Antony Costa e mostrou-nos o bar que fica dentro da sede do clube, onde aconteciam as festas do Rio Branco. Graças a Fabiano ganhamos a nossa primeira camisa de um time amador, ou melhor, de um time de futebol. Era a camisa do Rio Branco.

A tarde de conversa com Fabiano foi, ao mesmo tempo, esclarecedora e atordoante. O ex-jogador despejou, de uma vez só, um punhado de informações que nos tiraram o sono por alguns dias. O empresário dedica a vida a descobrir talentos. Para isso, gasta dinheiro do próprio bolso sem data prevista de ressarcimento. O homem sonha alto, carrega no peito os anseios de alguém que teve a possibilidade de fazer uma pequena fortuna com a carreira, mas jogou-a pela janela. Hoje, vive uma relação de ioiô com os atletas que ajuda. O dinheiro investido neles vai, mas tem de voltar. Multiplicado.

– Se eu arranjo um emprego pra vocês, não é justo que eu fique com uma parte do salário? – Pergunta-nos já no final da visita.

Ambas pensamos “não!”. O homem de coração bom e ambição grande ganhou espaço nas nossas discussões pessoais. Questionamos, por exemplo, o fato de ele se apropriar de uma parte do salário dos jogadores assessorados por ele, mas as palavras de Fabiano ficaram cravadas na nossa mente, desafiando-nos. “Se o André fica doente, quem paga o remédio sou eu. A academia, eu também pago, então por que não é justo que eu tenha parte dos lucros?”. O julgamento é sempre o caminho mais fácil que as pessoas encontram para libertarem-se de suas opressões psicológicas. Chegamos à

conclusão de que Fabiano Macau, como ser humano que é, não é unânime. Bate e apanha como todo brasileiro.

Depois da experiência no bairro Antônio Bezerra, decidimos que teríamos de ver “o outro lado”. Após idas e vindas nos subúrbios cearenses, começamos a nos perguntar onde treinam os atletas que estão longe dos campos das comunidades.

– Vamos ao Ceten. Lá, eles atendem a meninos de baixa renda que querem ser jogador de futebol. É interessante a gente conhecer, porque é outra realidade, já que eles oferecem toda uma infraestrutura diferente do subúrbio – sugeriu Lorena.

– Ah, beleza. Onde fica?

– Em Itaitinga.

No infinito mundo da Internet, o *google* nos apontou uma Itaitinga nem tão longe assim. Estava a 25 quilômetros de distância de Fortaleza. O problema está sempre na condução. Para chegar lá, precisamos pegar um ônibus e uma topic. E, já no município, tivemos de nos aventurar na garupa de uma moto-táxi, porque o Ceten não fica no Centro da cidade, até onde vai o coletivo. A estrada é de terra e, no dia, havia chovido. Além disso, estávamos sem capacetes, porque eles estavam nos braços dos condutores, afinal “não precisa de capacete”, os motoqueiros se apressaram em lembrar. Eis por que denominamos essa experiência de aventura. O pai da Lorena, jornalista Marconi Alves, nos acompanhou até Itaitinga e filmou os melhores momentos do nosso rali. Ao chegar ao Ceten, nos deparamos com uma realidade até então desconhecida no percurso do nosso livro-reportagem. Campos bem estruturados, profissionais especializados e garotos submetidos a treinos de alto rendimento. Era, de fato, “o outro lado”.

No final da tarde, quando já arrumávamos os pertences para partir, lembramos da topic que enfrentaríamos. Vez ou outra, conseguimos caronas na volta do trajeto. Nesse dia, a carona foi saboreada com maior satisfação: evitou a moto, a topic e o ônibus, mas não poupou os nossos ouvidos de uma trilha sonora que oscilava entre o forró e *flashback* em volume altíssimo. Apesar disso, o que mais incomodou foi a velocidade do carro, que estava sempre superior a 100 quilômetros por hora.

Elas não jogam de salto alto

O público já está cuidadosamente organizado nas cadeiras do estádio. Uns vestem a camisa rubro-negra, outros optam pelo uniforme tricolor. Nos burburinhos que antecedem ao jogo, uma cena passa despercebida para os mais desatentos. Em vez de marmanjos desajeitados, o campo vai sendo ocupado por moças acanhadas. Contrariando a opinião de que futebol é coisa de macho, mulheres do subúrbio carioca ultrapassam as arquibancadas e acessam o gramado trajando shorts, camisetas e chuteiras.

A partida abre o confronto entre São Paulo e Flamengo, no Estádio Pacaembu, em São Paulo. Dos bancos, o torcedor exacerba o riso diante dos passes errados. No dia seguinte, o jornal paulista *Folha da Manhã* destaca como sendo cômico o futebol praticado por mulheres. “O público viveu momentos dos mais agradáveis, sobretudo humorísticos, pois, se as frágeis jogadoras não exibiram técnica de futebol, padrão de jogo, etc., agradaram em cheio, na maioria das vezes, pelas próprias falhas, que eram recebidas com gostosas gargalhadas pela assistência”. (*Trecho da reportagem “Novamente derrotado o S. Paulo por 2 a 0”. Folha da Manhã, São Paulo, 18.05.1940*).

O jogo considerado um marco do futebol feminino no Brasil realizou-se no dia 17 de maio de 1940. Mais de 60 anos depois, a cena é a mesma, transportando-se apenas de estado e cidade. Das quatro linhas de um campo no subúrbio do município de Maranguape, no Ceará, as jogadoras de times amadores da Região Metropolitana de Fortaleza escutam repetidas vezes as gargalhadas do público masculino. O campo está molhado por conta do período chuvoso no Estado. Os escorregões são muitos e a lama é disparada nos uniformes improvisados das moças que decidiram fazer um campeonato de um dia só.

– A gente só joga na lama. Eles pensam que a gente é *bacurim* – reclama uma das jogadoras.

– Os nossos campeonatos são realizados nos períodos de chuva. Quando os campos estão bons pra jogar, são os homens que têm a vez – Shirley Oliveira, organizadora do campeonato, explica o motivo pelo qual os jogos acontecem mesmo debaixo d’água.

O torneio é realizado com pouco dinheiro e muita boa vontade de quem participa. Cada jogadora paga três reais. O time vencedor leva a bolada acumulada. O árbitro não é pago para apitar o jogo. Se o faz, é por amizade. A organizadora investe tempo para alugar o campo, convidar os times e arrecadar o dinheiro do prêmio. Victor Moura, de 10 anos, e Matheus Cordeiro, de 11, correm toda a área que envolve as quatro linhas para apanhar a bola lançada fora do campo. São os famosos gandulas. Por dois reais, enfiam-se no mato e, de lá, saem com lama nos pés, mas com a bola nas mãos.

– Ô real duro – grita para Victor um torcedor.

Os homens divertem-se com as quedas das garotas, demonstrando um prazer insaciável em vê-las no chão. Agem como se os tropeços fossem mais pelo fato de serem mulheres jogando do que pela situação caótica do campo com grandes poças de água. Shirley faz-se de surda diante da plateia galhofeira.

– Bibinha, cola na número 09. Deixa de rir, mulher, e joga sério – Shirley instrui a jogadora Maria Manuele da Silva, famosa por ter crises de riso em campo.

Algumas jogadoras aperreiam-se com o desdém masculino. Uma ou outra arrisca palavras de baixo calão como resposta à plateia. A atacante Bibinha, que andou quatro quilômetros a pé para jogar, desconcentra-se com as piadas dos espectadores.

– Shirley, eu não vou mais jogar, não. Tão me apelidando – agonia-se Bibinha, que seria a artilheira do campeonato.

Desde os tempos de escola, Shirley é apaixonada por futebol. Em 1996, ao saber de uma competição feminina intermunicipal, decidiu fundar um time de mulheres em Maranguape, o Nova Força. Para compor a equipe, ela convidou meninas de clubes rivais de duas escolas públicas do município. “Eram 42 equipes disputando o campeonato e só perdemos uma partida para o time Livre Expressão”, orgulha-se do feito. A trajetória de Shirley como jogadora foi curta. Com apenas cinco anos de atuação, abandonou os campos ao sofrer uma lesão no joelho. “Fiquei com medo de perder a perna, então desisti de jogar”, lamenta.

Em 2009, o Nova Força ganhou o nome de Sociedade Feminina de Futebols (Soff’s). A treinadora do time, Shirley, justifica a mudança. “É porque agora a gente fez

a agremiação de campo, areia, salão e soçaita”. Em campeonatos oficiais, as meninas do Soff’s representam o time feminino do Maranguape Futebol Clube, pois a Federação Cearense de Futebol só aceita inscrições de clubes filiados à instituição. Hoje, Shirley é também educadora social por acreditar que o esporte pode transformar a vida de meninas da cidade. Ao conversar sobre as mudanças sociais e econômicas que o esporte pode trazer, a treinadora traz na ponta da língua a história de uma das maiores artilheiras do time, Aline Ferreira, que ascendeu socialmente através do talento com a bola.

– A Aline começou jogando aqui, depois foi chamada para jogar na AABB (*Associação Atlética Banco do Brasil*) e, em seguida, foi para o time de futsal da Nacional Gás (*empresa do segmento de gás domiciliar pertencente ao Grupo Edson Queiroz*). Uma oportunidade de mudança de vida. Ela vinha treinar em Maranguape de bicicleta – relata Shirley.

A artilheira jogou futebol durante 12 anos. Foi com a bola no pé que ela entrou em um universo até então desconhecido. Ganhou bolsa em uma universidade privada do Estado e cursou dois semestres de Educação Física. Da casa de taipa em um terreno batido de Mucunã, distrito de Maranguape, ela mudou-se para a residência própria, construída com o suor deixado nos campos. “O que eu consegui foi graças a doze anos de economia. Comprei um terreno e construí uma casa pra mim e outra pra minha mãe. Depois, comprei um carro”. Apesar de ter ganhado uma bolsa de estudos, não conseguiu conciliar a faculdade com os treinos. “Eu estava estressada demais, porque eu saía de casa às seis e meia da manhã e só chegava oito e meia da noite e ainda tinha a responsabilidade de não reprovar disciplina na faculdade senão perdia a bolsa”, conta.

A graduação ficou no meio do caminho, mas ela terminou o curso de auxiliar de enfermagem, profissão que assumiu aos 26 anos, quando decidiu abandonar o futebol-dever. Não deixou de ser amante do jogo nem de participar de peladas. Para Aline, o futebol ganhou um novo – mas já velho conhecido – significado: o lazer das horas vagas. No bairro onde mora, colabora como preparadora física e auxiliar técnica em um time masculino de futsal e ainda participa de torneios da região. São histórias como a de Aline que impulsionam os sonhos da treinadora Shirley. Na memória, a amante do futebol guarda doces e amargas lembranças de uma vida dedicada ao esporte.

– Já perdi dois telefones fixos por causa do futebol. A gente ia pra um campeonato importante e, na última hora, tivemos um problema com o ônibus que conseguimos. Aí comecei a ligar pra Deus e o mundo pra tentar arranjar outro transporte. Como eu não consegui nada, gastei o dinheiro da conta do telefone pra pagar o ônibus.

Em Maranguape, as mulheres não têm de enfrentar apenas os risos debochados da plateia masculina. Um dos campos nos quais elas treinam também faz as vezes de estrada. Motocicletas cruzam o espaço onde deveriam ser traçadas as quatro linhas. Durante o Campeonato Cearense de 2010, o jornal local *O Povo* estampou, no caderno de Esportes, a manchete “Pior do Mundo!”. A reportagem refere-se ao time feminino de Maranguape, que tomou mais de 114 gols em dez partidas. A treinadora argumenta que as derrotas se devem às precárias condições nas quais as meninas treinam, como a ausência de material esportivo, de jogadoras reservas e de patrocínio.

– Num dos jogos do campeonato, a Bibinha, sem o dinheiro da passagem, foi a pé do Alto do João Grande até o estádio Moraizão. Quando entrou em campo, ela não tinha mais energia pra jogar – diz Shirley.

O futebol feminino ainda não é regulamentado no Brasil. Não existem, portanto, obrigações trabalhistas dos clubes com as atletas. Talvez por esse motivo as mulheres que guerreiam em campo ainda sejam desacreditadas pela torcida, especialmente a masculina, que acaba por enxergá-las, mesmo as que estão submetidas a intensivos treinos diários, como eternas aprendizes de um futebol que se consagrou no universo dos homens. A discussão perpassa outros fatores, como a associação do futebol à masculinização do corpo feminino. Pesquisadores que estudam o esporte associado às relações de gênero esclarecem o preconceito que permeia as práticas esportivas brasileiras desde o começo do século passado.

“Vários são os argumentos possíveis de serem recrutados para explicar a pouca visibilidade conferida às mulheres no futebol brasileiro. Para além da justificativa da ausência de patrocínio, recorro a dois deles que são facilmente identificados em vários espaços sociais: a aproximação, por vezes recorrente, entre o futebol e a masculinização da mulher e naturalização de uma representação de feminilidade que estabelece uma relação linear e imperativa entre mulher, feminilidade e beleza. Por estarem

profundamente entrelaçados, esses argumentos acabam por reforçar alguns discursos direcionados para a privação da participação das mulheres em algumas modalidades esportivas, tais como o futebol e as lutas.”, defende a pesquisadora Silvana Vilodre Goellner, no artigo “Mulheres e Futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades”, publicado na Revista USP em 2005.

Indagações como essa despertam reflexões sobre a situação da mulher no esporte. Não se podem negar as evidentes diferenças físicas entre homens e mulheres, mas elas não podem ser protagonistas de um discurso que se faz anacrônico ao supor que o intenso treinamento físico possa prejudicar o corpo delas. Avançando na discussão, questionamos, inclusive, a naturalização do conceito de feminilidade.

“Afim, o que significa ‘masculinização da mulher’ num tempo onde as fronteiras entre os gêneros estão constantemente borradas? Que argumentos justificam tal “temor”? Se o esporte é um espaço que possibilita o exercício de sociabilidades, por que determinadas modalidades, ao invés de serem incentivadas, são consideradas, mesmo no século XXI, como uma ameaça?” – questiona Silvana Vilodre Goellner.

Apesar de a sociedade ter avançado no que diz respeito à aceitação do futebol feminino, fatos recentes da história do país revelam atitudes anti-desportivas de alguns dirigentes e organizações futebolísticas. No Campeonato Paulista Feminino de 2001, uma reportagem do jornal *Folha de S. Paulo* mostrou pontos do projeto elaborado pela Federação Paulista de Futebol e pela empresa Pelé Sports & Marketing. Um dos tópicos dizia o seguinte sobre as estratégias da iniciativa: “Ações que enalteçam a beleza e a sensualidade da jogadora para atrair o público masculino”. Várias mulheres que não compartilhavam do padrão de beleza desejado pela organização ficaram de fora do campeonato, mesmo as que tinham maior molejo com a bola nos pés.

Naquele campeonato de Maranguape, opiniões uníssonas a respeito do futebol feminino são desconstruídas. Em campo, as jogadoras mostram que não têm de se encaixar em estereótipos que buscam uma inútil explicação para a escolha delas de jogar bola, se é que paixão pode ser confundida com escolha. Uma de cabelo longo, outra careca, uma maquiada e outra piadista, que carrega na ponta da língua a conhecida malandragem dos atletas do futebol. Quem poderá lhes exigir explicação por serem amantes do esporte mais popular do Brasil?

Na arquibancada, uma das jogadoras chama a atenção das repórteres pela impecável produção. Pintou os olhos, o rosto e os lábios antes de entrar em campo, mas não aceita a alcunha de “mulherzinha”. Bruna Maria Paiva explica, sem rodeios, que é vaidosa e gosta de se arrumar antes dos jogos.

– Quem olha pra mim pensa que eu sou uma bonequinha. Aquelas meninhas patricinhas que não gostam de bola. Eu não. Eu gosto de me arrumar e de jogar bola. Eu acho legal. Não acho que, porque eu gosto de me maquiar, não tenho potencial. Potencial a gente tem dentro da gente. E a gente expressa de outro jeito.

Se qualquer menina que joga bola for questionada sobre o preconceito no futebol feminino, a resposta sempre será “sim, há muito preconceito com as mulheres que jogam futebol”. Quando o assunto é preconceito, elas sempre apontam o dedo para longe de si: o namorado, a mãe, o pai ou o irmão. O que muitas jogadoras não percebem é que, às vezes, o dedo da repressão está indicado para elas próprias. O discurso repetido por muitas delas reforça um pensamento machista que se consagra dentro e fora dos campos.

– Você acha que existe preconceito com mulheres que jogam futebol?

– Com certeza, mas eu nunca sofri. Quem faz o futebol somos nós. Se eu chego ali na mesa de bar e fico bebendo, como eu vou fazer o futebol feminino? Mas também tem o lado das meninas que são lésbicas, que prejudica um pouquinho. Acho assim, se você é, se a pessoa tem um sexo diferenciado, acho que a pessoa tem que se respeitar e respeitar o próximo. Se eu não me respeito, como vou ter respeito? – questiona Camila Santos, jogadora da União Desportiva Messejana (UDM).

– Como seria esse respeito?

– Tipo, em muitos torneios que a gente vai, tem algumas meninas que ficam agarradas, ficam se beijando. Fica uma coisa chata. Isso é o que mais interfere no futebol feminino.

– Você acha que elas poderiam namorar, mas não em público?

– Sim, com certeza. Isso ajudaria muito, muito, muito pra quem tá vendo o futebol feminino de fora e, até mesmo, de dentro do campo.

O discurso de Camila é consonante ao pensamento do presidente e técnico da UDM, Renezito Júnior. Ele ressalta que há discriminação com as mulheres que jogam futebol, mas justifica o fato. “A masculinização depende de cada treinador. Eu deixo elas serem vaidosas. Só peço pra tirarem os brincos quando estão jogando para não se machucarem”, explica-se Renezito.

No futebol, principalmente no subúrbio, é muito comum os jogadores reunirem-se após o jogo para beber e comentar os lances da partida. A confraternização, chamada de barca, é condenada pelo técnico. De fato, para quem deseja se profissionalizar no futebol, ou em qualquer outro esporte, o consumo de álcool pode prejudicar o condicionamento físico, mas essa não é a única razão que explica os conselhos de Renezito às meninas.

– Chega um tempo que algumas vão pro bar. Eu digo: não façam como nós, mulheres. Nós erramos. Não errem, não façam o que fizemos de errado. Maltratamos o mundo, a nós e a vocês.

Quanto à orientação sexual das meninas, ele não conversa abertamente, mas é possível perceber, nas entrelinhas do discurso dele, a reprodução de um preconceito que não é facilmente identificado nem por quem pratica nem por quem sofre. O modo como o técnico critica a atitude de meninas que se “expõem” em demasia pode influenciar o desenvolvimento de adolescentes que se encontram em plena formação sexual. As jogadoras que ele treina aprendem desde cedo que é errado namorar garotas, pelo menos nos jogos, na frente da plateia.

– Hoje, a modernidade tá muito louca. Qual o preconceito maior? É a televisão. Você vê que, hoje, é tudo permitido. Tem menina que sai, vai pra casa da amiga e passa três dias lá. A mãe não sabe onde ela está nem o professor. E aí vem o preconceito. Será que ela se masculinizou? – indaga o treinador.

A técnica do time de Maranguape, Shirley, também acredita que o preconceito quanto à orientação sexual de cada uma é responsabilidade das próprias meninas. “Se você chega num local de futebol feminino que já é discriminado e tem um monte de meninas se agarrando, a mesma mentalidade de preconceito que as pessoas têm é a imagem que elas estão fazendo. Em local público, que você divide com pessoas de diversas opções, tem que ser um local neutro. Primeira coisa que eu digo para as

meninas quando vamos jogar fora é: pessoal, quando chegar a tal canto, por favor, se comporte. Quem tem sua vida guarde pra você, porque aqui é local de trabalho”.

Profissionais da bola

Na partida, um time que joga com o uniforme alvinegro do Ceará Sporting Club se destaca entre os demais e ganha a bolada. As meninas que foram de Fortaleza a Maranguape para um jogo de rotina treinam, na verdade, no clube rival do alvinegro cearense. É com a camisa tricolor do Fortaleza Esporte Clube que elas disputam os campeonatos estaduais. Vestem o uniforme por amor ao futebol, pois não são pagas pelo time. O trabalho é totalmente voluntário em um país que demora a oficializar o futebol das mulheres.

– Nós estamos jogando com a camisa do Ceará, porque, no Fortaleza, nossos uniformes são do masculino, então fica enorme na gente – explica-se, aos risos, Aurinete Moreira, uma das jogadoras do time.

– E não tem problema vocês jogarem com o uniforme do time adversário?

– Até pode ter, mas nós não temos obrigação, porque não recebemos nada para jogar – a jogadora reclama esfregando o dedo polegar ao indicador, em um gesto que, na cultura brasileira, associa-se a dinheiro.

Dois meses após a vitória na cidade de Maranguape, as jogadoras do clube tricolor deixam o Fortaleza Esporte Clube. Por uma decisão da diretoria, o time feminino é suspenso. Ao saber da notícia, Aurinete reúne as companheiras de campo e sai à procura de um novo lugar para pousar. As jogadoras dividem-se pela UDM, pelo Caucaia Esporte Clube e pelo Guarany Sporting Clube.

Contratada pelo Caucaia, Aurinete vive, aos 28 anos, momento inédito na trajetória futebolística dela. Atualmente, recebe um salário para jogar pelo time do Caucaia. Para ela, o dinheiro ainda não é capaz de equiparar-se a emprego, mas Aurinete e as outras dez colegas do Fortaleza que foram remanejadas para o Caucaia comemoram. “O dinheiro não é muito, mas agora tá bom demais. Pelo menos, não pago mais pra jogar bola”, sorri a jogadora, que vai de carro todos os dias aos treinos do time. Fora dos campos, ela é executiva de uma empresa de cosméticos. É vendendo produtos de beleza femininos que ela sustenta o sonho incansável de ser jogadora de futebol.

No time do Caucaia, Aurinete conheceu Ângela Viviane Lopes da Costa, a Vivi, uma das jogadoras mais antigas do clube. Vivi descobriu o prazer de jogar bola ainda na escola, quando “rachava” com os garotos. Depois que aprendeu a dominar a bola nos pés, decidiu que queria ser jogadora profissional. Jogou em alguns clubes amadores da cidade até ser convidada para compor o recém-formado time feminino do Caucaia Esporte Clube. Passou a receber um salário, situação rara no futebol feminino brasileiro. Com o dinheiro, começou a ajudar nas despesas da casa e, ainda que a renda não seja grande, ela diz que consegue sustentar os gastos pessoais com o “emprego”.

Depois que começou a treinar todos os dias, Vivi descobriu que, para jogar bola, é preciso mais do que talento. Com o futebol-emprego, ela ganhou corpo de atleta e aprendeu a fazer gol. Em 2010, foi a artilheira do time. Há quatro anos, veste a camisa do Caucaia e, nesse período, já surgiram oportunidades de ir para outros clubes.

– Em 2008, a gente tava disputando um jogo da Copa Brasil, no Maranhão, e nosso time tava perdendo. Eu entrei em campo, fiz três gols e minha amiga fez um. Pela minha atuação, um time feminino me pediu “emprestada” para o clube de Caucaia. – conta Vivi.

A jogadora não passou muito tempo no time maranhense. O clube estava atrasando o pagamento e Vivi achou mais prudente voltar para o Ceará. Aproveitou o amistoso que jogou contra o time de Caucaia, no Maranhão, e retornou com as amigas para a terra natal. No ano passado, a jogadora vivenciou nova experiência em outro estado, desta vez o Piauí. O salário era um pouco maior. Lá, também teve a oportunidade de jogar contra as companheiras da terrinha cearense. “Foi uma surpresa quando eu soube que enfrentaria o Fortaleza”, relembra Vivi. O calor desconcertante no Estado desestabilizou as jogadoras cearenses. Algumas delas tiveram náuseas e não suportaram a mudança de temperatura. Vivi venceu as futuras colegas de clube.

As 26 jogadoras do Caucaia Esporte Clube são treinadas por Jardel Rocha. Para ele, o maior desafio de trabalhar com mulheres em campo é lidar com fatores emocionais e físicos com os quais não está acostumado. Cólica, Tensão Pré-Menstrual (TPM) e instabilidades emocionais são algumas particularidades citadas pelo técnico. “Uma vez, perdemos um jogo, porque várias jogadoras menstruaram no dia da partida e

a nossa atacante estava com cólicas. Embora o time estivesse bem preparado, a gente perdeu por conta desses fatores”.

O trabalho do técnico Jardel é voluntário. Como Shirley e Renezito, ele treina as meninas apenas por amor ao esporte e por acreditar que aquela atividade vai tirar-lhes de um caminho incerto. Todas as tardes, Jardel treina as moças do Caucaia. Entre um intervalo e outro, conversa com as garotas, pergunta-lhes sobre a vida, sobre as expectativas na escola e distribui conselhos.

– Meu conhecimento é empírico. Não tenho formação acadêmica na área. Faço o trabalho porque eu gosto e você vê que as meninas querem muito. Não ganho nada e prefiro assim, porque, com salário, vem a obrigação – conta Jardel, que se mostra preocupado em dizer que não é técnico formado e tudo o que sabe veio de leituras.

No futebol suburbano masculino e feminino, quem trabalha por um time sabe que não se deve esperar retorno financeiro. Há ainda as possibilidades de endividar-se por causa do esporte. O técnico do time feminino da UDM, Renezito Júnior, já abdicou de oportunidades pessoais em favor das jogadoras. Uma faculdade privada no Estado ofereceu-lhe um salário fixo em troca de que o time feminino do Messejana representasse a instituição. Ele negou o salário e pediu bolsas de estudos para as jogadoras. Camila Santos é uma das atletas beneficiadas pela parceria entre o time e a faculdade.

Apesar de não ser remunerada para jogar, Camila cursa gratuitamente Turismo em uma faculdade particular na capital cearense que mantém convênio com o time. Durante a semana, uma hora antes de as aulas começarem, ela treina ao lado das amigas. A rotina da jogadora é exaustiva. De oito da manhã às cinco da tarde, trabalha na Prefeitura Municipal de Fortaleza. De cinco e meia às seis e meia da tarde, treino. E de sete às dez da noite, aulas na faculdade. Aos sábados, se não chover, ela treina no Aterrinho da Praia de Iracema. Domingo poderia ser o dia de descanso de Camila não fosse a disposição inesgotável para jogar bola. No subúrbio de Fortaleza, joga pelo Barcelona, encerrando uma semana na qual o futebol não está ausente em um dia sequer.

– Comecei a jogar no meio da rua por volta dos 10 anos. Aquela velha brincadeira de linha – Camila resgata da memória.

A menina cresceu e descobriu que, além de brincadeira de criança, o futebol representaria, na vida dela, um sonho desenfreado de seguir adiante. Das peladas com os meninos na rua, Camila passou a jogar na categoria feminina do ABC Comunitário, time suburbano do bairro Parque São José, em Fortaleza. Através das amigas que fez no clube, conheceu Renezinho, que a convidou para integrar a União Desportiva de Messejana (UDM).

A UDM não tem um perfil de time profissional ou suburbano. É um time amador formado por meninas que jogam ou já jogaram em clubes do subúrbio da cidade como o Barcelona. Apesar de não ser um time profissional, oferece mais oportunidades para que Camila consiga alcançar o sonho de jogar no Santos Futebol Clube e quiçá na Seleção Brasileira. Numa condição financeira melhor do que o clube de Maranguape, por exemplo, há capital, advindo de “cotas” de amigos e parceiros do time, para investir em uma peneirada, na qual técnicos do clube paulista podem avaliar o desempenho das meninas cearenses. “A ida da Janaína para o Santos foi um grande incentivo pra gente que joga”, anima-se Camila ao falar da amiga e ex-jogadora da UDM selecionada na peneirada de 2009. O Santos é referência para as mulheres que sonham em ser jogadoras de futebol, pois, atualmente, é o clube brasileiro com melhor estrutura no futebol feminino.

O sonho de Camila é o mesmo de quase todas as meninas que jogam futebol: jogar no Santos, berço de Marta Vieira da Silva, eleita a melhor jogadora do mundo por cinco vezes consecutivas. Poucas conseguem chegar lá, pois, mesmo sendo do Brasil a melhor jogadora do mundo, o futebol feminino no país ainda carece de legislação para profissionalizar o esporte.

– O que torna as meninas que jogam futebol de um time amador e não profissional? Como se dá essa diferenciação? – perguntamos ao presidente do Caucaia Esporte Clube, José Eudes da Silva Lima.

– A diferença é o salário. Nós damos uma ajuda de custo pra elas. Não somos obrigados a dar um salário. Não é como o profissional, que temos de pagar no mínimo um salário e é por contrato de trabalho. Com elas, não tem contrato e a gente fica livre de impostos – explica Eudes.

O presidente do clube acredita que as jogadoras no Estado do Ceará ganharam mais espaço após a criação do Campeonato Cearense de Futebol Feminino, em 2007. No ano seguinte, o Caucaia Esporte Clube decidiu criar o time feminino. Atualmente, é o campeão no ranking do Ceará. “A tendência é crescer ainda mais. O futebol feminino é a sensação. Os torcedores gostam de ver as meninas jogarem”, ressalta Eudes, que já pensou em acabar com o time feminino pelas dificuldades de mantê-lo, mesmo recebendo mensalmente apoio financeiro da prefeitura da cidade.

Além de ser árdua a tarefa de conseguir recursos para manter o time feminino, não há retorno financeiro para o time, apenas gastos. Nos campeonatos promovidos pela Federação Cearense de Futebol, segundo Eudes, quem arca com as despesas de passagens e de aluguel dos campos são os próprios competidores. Para jogar, os clubes têm de desembolsar dinheiro, já que, por se tratar de futebol amador, não se podem cobrar ingressos dos torcedores.

– É mais um hobby do que profissional. Mas, na cabeça delas, elas são profissionais. Elas pensam que ser amador é não saber fazer, mas elas são profissionais da bola – elogia o técnico Jardel Rocha.

– O Caucaia é profissional, porque jogamos em campeonatos, participamos da Copa Brasil, viajamos para Pernambuco, Bahia e Tocantins e já conquistamos vários títulos – acredita Vivi.

Durante a Copa do Mundo de Futebol Feminino realizada na Suécia em 1995, o secretário-geral da FIFA à época, Joseph Blatter, arriscou dizer que o futebol feminino no novo século teria uma nova roupagem. “O futuro do futebol é feminino. Estamos convencidos de que, por volta de 2010, o futebol feminino será tão importante quanto o masculino”. A profecia de Joseph Blatter não chegaria a se concretizar com a rapidez esperada por ele. Dezesseis anos após a famosa frase ser dita, as jogadoras de futebol ainda vivem de migalhas do futebol masculino, à espera da boa vontade de clubes que invistam no talento delas. As iniciativas deveriam ser fartas no país que respira futebol, mas a falta de regulamentação do esporte praticado por mulheres desestimula os dirigentes dos grandes times. Em 2011, seis clubes participaram do Campeonato Cearense Feminino: Pacatuba, Caucaia, Guarany de Sobral, Horizonte, Messejana e

Juventus. Ceará Sporting Club e Fortaleza Esporte Clube, os dois maiores times no Estado, ficaram de fora da competição.

Dentro das quatro linhas, segundo dados da CBF, no dia cinco de maio de 2011, havia 3.557 jogadoras em atividade, número inexpressivo se comparado aos 78.507 jogadores profissionais nos gramados brasileiros. Para o pesquisador da Universidade de São Paulo (USP) Fábio Franzini, no artigo “Futebol é ‘coisa para macho’? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol”, (2005, Revista Brasileira de História), os dados nos permitem pensar sobre o lugar que a mulher ocupa no Brasil, considerando-se que a bola desempenha o papel de “elemento congregador de nossa identidade nacional”.

“É notório que o universo do futebol caracteriza-se por ser, desde sua origem, um espaço eminentemente masculino; como esse espaço não é apenas esportivo, mas também sociocultural, os valores nele embutidos e dele derivados estabelecem limites que, embora nem sempre tão claros, devem ser observados para a perfeita manutenção da 'ordem', ou da 'lógica', que se atribui ao jogo e que nele se espera ver confirmada. A entrada das mulheres em campo subverteria tal ordem, e as reações daí decorrentes expressam muito bem as relações de gênero presentes em cada sociedade: quanto mais machista, ou sexista, ela for, mais exacerbadas as suas réplicas”, diz Fábio Franzini.

O futebol feminino é ainda novidade para muitos brasileiros, mas as mulheres praticam o esporte desde o início do século passado, embora pesquisadores tenham divergências quanto à data. Para alguns, a primeira partida oficial de que se tem notícia foi realizada em 1921, em São Paulo, tendo jogadoras paulistas de um lado e catarinenses do outro. Há quem defenda também que os primeiros jogos foram realizados nas praias do Rio de Janeiro um ano antes. As partidas eram disputadas à noite, porque uma parte das jogadoras era empregada doméstica e trabalhava durante o dia.

Nas décadas seguintes, equipes femininas começaram a se desenvolver tanto no eixo Rio-São Paulo quanto em outras cidades brasileiras. Os times despertaram reações diferenciadas da sociedade. Enquanto alguns jornais viam no futebol feminino um movimento sério e respeitável, segmentos mais conservadores da população manifestavam-se publicamente contra o esporte praticado por mulheres. A mais famosa

crítica ao futebol feminino partiu de um carioca chamado José Fuzeira, que escreveu uma carta, em 25 de abril de 1940, ao presidente Getúlio Vargas alertando para a “calamidade prestes a desabar em cima da juventude feminina do Brasil”.

Carta de José Fuzeira

Refiro-me, Snr. Presidente, ao movimento entusiasta que está empolgando centenas de moças, atraindo-as para se transformarem em jogadoras de futebol, sem se levar em conta que a mulher não poderá praticar esse esporte violento sem afetar seriamente o equilíbrio fisiológico das suas funções orgânicas, devido à natureza que a dispôs a ser mãe (...)

Ao que dizem os jornais, no Rio já estão formados nada menos de dez quadros femininos. Em S. Paulo e Belo Horizonte também já estão constituindo-se outros. E, neste crescendo, dentro de um ano é provável que, em todo o Brasil, estejam organizados uns 200 clubes femininos de futebol, ou seja: 200 núcleos destroçadores da saúde de 2.200 futuras mães, que, além do mais, ficarão presas de uma mentalidade depressiva e propensa aos exibicionismos rudes e extravagantes; pois, desde que já se chegou à insensatez inqualificável de organizar-se pugnas de futebol com um grupo de cegos a correrem, às tontas, atrás de uma bola cintada de guizos, não será de admirar que o movimento feminino a que nos estamos reportando seja o ponto de partida para, no decorrer do tempo, as filhas de Eva se exibirem também em assaltos de luta livre e em justas da "nobre arte", cuja nobreza consiste em dois contendores se esmurrarem até ficarem babando sangue.

A carta, além de publicada em jornal paulista, foi encaminhada à Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde e, de lá, à Subdivisão de Medicina Especializada, que apoiou José Fuzeira na luta contra as mulheres que jogavam bola.

Nota da Subdivisão de Medicina Especializada

O gesto do Snr. José Fuzeira, determinando o debate sobre uma questão que poderia ter conseqüências nocivas para a saúde de grande número de moças, é digno de todos os louvores.

Efetivamente, o movimento que se esboçou nesta Capital para a formação de vários quadros femininos de futebol, e que tomou corpo com o apoio que alguns jornais

cariocas deram, é desses que merecem a reprovação das pessoas sensatas, já pelo espetáculo ridículo que representa a prática do "association" pelas mulheres, como também pelas razões de ordem fisiológica, que desaconselham sumariamente um gênero de atividade física tão violento, incompatível mesmo com as possibilidades do organismo feminino (...).

A pressão social foi tão grande que, em 1941, o decreto-lei 3.199 instituiu o Conselho Nacional de Desportos (CND) e, no artigo 54, declarou: “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”. O decreto-lei só foi revogado em 1979. Nos anos subsequentes, as mulheres passaram a se organizar em ligas e campeonatos. O esporte nunca deixou de ser praticado nos campos de várzea, embora tenha sido considerado ilegal.

Com tantos entraves históricos, o futebol tornou-se, desde cedo, um esporte de exceção para a mulher brasileira. O menino, ao contrário, aprende ainda criança que a bola de futebol é uma extensão do próprio corpo. Já a menina, quando desperta para o jogo, não é mais tão jovem e, raramente, sofre influência do pai ou da família, que tenta mantê-la afastada do “esporte de homem”. Gardênia Gomes Leite é uma exceção à regra. Ela joga desde os cinco anos com as mulheres da família. Tias e primas dela têm um time nas Lajes, distrito de Maranguape. Nos finais de semana, o lazer é jogar bola. Não é toda a família que apoia a diversão das moças. Vez por outra, elas são obrigadas a ouvir que “futebol é coisa de homem”, mas Gardênia nunca desistiu do esporte por conta do preconceito. Nem as barreiras financeiras a impedem de jogar.

– Fui chamada para fazer um teste no time da Nacional Gás, mas eu não receberia salário no início. Eles falaram que iam me ajudar dando uma bolsa para a faculdade, cesta básica, ajuda de custo e apartamento pago. Mas, na minha casa, só eu trabalho e minha mãe está passando por problemas de saúde – a jogadora explica a razão pela qual não abraçou a oportunidade.

Gardênia joga desde 2010 no time da Sociedade Feminina de Futebol a convite de Shirley. Depois que conseguiu um emprego como motorista de transporte escolar, ela vai aos treinos de moto, mas houve um tempo em que lhe faltava até o dinheiro da

passagem. “Eu pedia emprestado às minhas amigas ou a Shirley fazia uma cota com as meninas do time pra eu poder participar do treino”, lembra, sem saudades, dos tempos mais difíceis.

As dificuldades vividas por Gardênia, Camila, Aurinete, Vivi, Bibinha, Aline e Shirley, que batalham dentro e fora de campo para garantir um lugar nos gramados, são semelhantes às que sentiram as precursoras do futebol feminino no Brasil. O preconceito à diversidade sexual persiste. A profissionalização ainda é sonho. O que hoje seria presente, nas apostas otimistas de Joseph Blatter em 1995, ainda é futuro para o futebol feminino. Há algumas décadas, tentaram limitar o espaço das mulheres às arquibancadas. No século XXI, embora a lei não proíba a presença delas nas quatro linhas, tampouco estimula. Reservaram à mulher apenas o direito de assistir aos gols dos homens, em uma arquibancada distante, sem holofotes, sem glórias e, principalmente, sem autoridade para interferir em um esporte que, embora relutem os mais machos, é também feminino.

(Re) Conhecendo o futebol feminino

O futebol praticado por mulheres foi uma das grandes surpresas que este livro nos proporcionou. Não que fôssemos inocentes a ponto de pensar que, no Ceará, não há mulheres que jogam bola. O que não sabíamos, de fato, é que essa realidade era tão expressiva no Estado. O primeiro contato foi com o time União Desportiva Messejana (UDM), que treina na Praia de Iracema. Lá, entrevistamos Camila Santos, uma jogadora que nos chamou atenção pelo entusiasmo com o futebol e pelos olhos cheios de vida quando fala do sonho de ingressar no Santos Futebol Clube.

Nas entrevistas, era visível a empolgação das jogadoras ao saberem que seriam personagens de um livro. Algumas delas desafiavam: “Escreva aí que o futebol feminino do Ceará não tem apoio”. Outras, mais tímidas, só resolviam romper o silêncio da vergonha quando o treinador ou treinadora obrigava carinhosamente: “Vai, mulher, fala da tua história, conta pras meninas”. Elas nos iam deixando adentrar suas vidas. Estávamos dispostas, desde o início, a fazer uma ruptura com qualquer tipo de preconceito que porventura pudesse se manifestar. Queríamos reportar as histórias daquelas meninas que tinham de lutar contra dois gigantes: a opressão financeira e a de gênero. Nos campos, tinham de enfrentar o riso debochado dos homens. Fora deles, o discurso moralista do técnico. Muitas delas diziam “sim” para tudo, porque não sabiam viver longe da bola.

Dias após a visita ao time UDM, é estampada, nas páginas do caderno de Esporte do jornal local *O Povo*, uma reportagem intitulada “Pior do mundo!”, retratando a fraca atuação do time de futebol feminino de Maranguape, que levou 114 gols em dez partidas no Campeonato Cearense de Futebol Feminino. A reportagem não chamou nossa atenção porque o time é da cidade natal de Cleisyane, uma das autoras do livro, mas isso facilitou a nossa busca pelas jogadoras. Foi a curiosidade de saber como aquelas meninas mantinham o time e há quanto tempo ele existia que nos motivou a procurá-las. Feito o contato com a responsável pelo time, fomos a Maranguape. Mais difícil do que encontrar as jogadoras foi chegar até o campo onde elas estavam treinando, o qual fica em um bairro afastado do centro da cidade e um tanto inseguro de circular, segundo transeuntes que nos ajudaram a encontrar o local.

Nesse dia, durante a entrevista, Shirley, treinadora do time de Maranguape, fez várias referências à ex-jogadora Aline, tentando provar, em cada palavra dita, que o futebol é, sim, capaz de mudar a vida das pessoas. Realmente, Aline havia “melhorado de vida”. O esporte permitiu-lhe adentrar a universidade, construir o próprio imóvel e adquirir um carro. Queríamos ouvir isso de Aline e não tão somente de Shirley, mas a ex-jogadora não conseguiu sair cedo do trabalho e atrasou muito para chegar ao campo. Já estava tarde e ainda teríamos de voltar a Fortaleza. Decidimos, então, pegar o número do telefone de Aline e voltar para casa.

Apesar de ter anotado o telefone de Aline, não ligamos para marcar uma conversa. Escrevemos o terceiro capítulo sem ter falado diretamente com nossa personagem, mas resolvemos inserir um depoimento de Shirley contando um pouco da história da ex-jogadora. Somente na revisão do capítulo, pensamos que seria interessante ligar para Aline para confirmar as informações que Shirley nos passara, pois, embora não estivessem no nosso discurso, queríamos nos certificar de que todos os dados estavam corretos. A ligação, que seria para checar dados, transformou-se em uma pequena entrevista. Enganada, Shirley nos disse que Aline teve a oportunidade de fazer duas graduações e, hoje, trabalhar como enfermeira. Na verdade, ela começou o curso de Educação Física, mas logo abandonou. Já a graduação em Enfermagem nem sequer teve início. Aline fez um curso técnico de Enfermagem e, atualmente, trabalha como auxiliar de enfermeira. De todas as entrevistas feitas, apenas a de Aline foi por telefone e apenas porque não estava no nosso roteiro.

Com pensamentos fervilhantes acerca do novo mundo descoberto, voltamos a Maranguape para assistir ao campeonato de um dia só com alguns times femininos dos distritos da cidade e de outros municípios da Região Metropolitana de Fortaleza. Aquela era uma boa oportunidade para conhecer novos times e conversar com outras jogadoras. Para a empreitada realizada em um sábado chuvoso, intimamos Iara Moura, a amiga que nos torna um trio desde o primeiro semestre de faculdade. A função dela era, além de fazer as vezes de motorista, tirar fotografias com boa qualidade. A presença de uma câmera fotográfica gerou reações as mais diversas nas jogadoras. Algumas posavam para as fotos, enquanto outras corriam léguas das lentes de nossa fotógrafa, que tentava acompanhar a velocidade da timidez e dos passes das jogadoras dentro e fora de campo.

Quando chegamos, o jogo já havia começado. Nas quatro linhas imaginárias, jogava um time vestindo o uniforme do Ceará Sporting Club, que logo descobrimos se tratar, na verdade, do time feminino do Fortaleza Esporte Clube. A situação era, no mínimo, engraçada. Como pode um time vestir a camisa do arquirrival? Elas próprias riam-se ao olhar para o uniforme alvinegro. Quando se deram conta de que poderiam ter complicações caso alguma fotografia fosse parar na Internet, a expressão facial delas mudou e, em seguida, uma das jogadoras alertou: “Olha, se vocês colocarem essas fotos na Internet, a gente vai para a UFC (*Universidade Federal do Ceará*) pegar vocês. Eu moro ali no Pici e sei onde é”.

Meses depois, ligamos para Aurinete, uma das jogadoras que entrevistamos no dia do campeonato, para marcar uma visita ao treino do time feminino do Fortaleza. Para nossa surpresa, ela disse que o time havia acabado e parte das meninas estava jogando no Caucaia. A história da troca de uniformes alvinegro-tricolor, portanto, já estava liberada para ser publicada no livro.

No trajeto de volta para casa, cultivamos o hábito de conversar sobre as impressões que tivemos dos entrevistados, do nosso desempenho na entrevista e dos tópicos que nos esquecíamos de perguntar. Era uma avaliação instantânea que acontecia, quase sempre, ainda dentro do ônibus. Como o trajeto até os entrevistados era, geralmente, longo, tínhamos tempo suficiente para avaliações mais aprofundadas. Durante as conversas, percebemos que não daria para fugir de um assunto delicado que permeia o universo do futebol feminino: o preconceito.

A presença anacrônica do preconceito não tardaria em chegar. Ouvimos da boca de técnicos discursos moralistas, que demonizavam, a seu modo todo paternalista, a possível “masculinização” trazida junto com o futebol. Decidimos que o foco da nossa reportagem seria mostrar os pormenores da vida de jogadora de futebol, rompendo estereótipos e pensamentos machistas tão bem disfarçados em frases cotidianas. Nossas lentes jornalísticas ansiavam por retratar um mundo multifacetado no qual o futebol feminino está inserido. Adquirimos o hábito de repudiar frases como “é possível ser jogadora de futebol sem perder a feminilidade”, “incentivo minhas jogadoras a jogarem maquiadas” e “essa menina é muito frágil pra jogar bola”.

A experiência jornalística de campo nos despiu dia a dia de cada resquício de preconceito entranhado em nossa cultura tão discretamente sexista. É preciso superar questionamentos tão ultrapassados como “O futebol deixa as mulheres masculinas? Todas são lésbicas? Como o futebol influencia nisso?”. Pulamos esse degrau da História e partimos para o que nos interessa verdadeiramente. “O governo olha para essas meninas que jogam bola nos subúrbios cearenses? Por que o futebol feminino não é, de fato, profissional? Por que os homens sentem tanto prazer em galhofar das mulheres que jogam bola e não se chamam Marta?” São perguntas que ainda ecoam em nossas mentes. Não há conclusões, não há final. Essas craques da bola ainda esperam que o trem da História lhes dê uma carona completa. O vagão não pode ser ocupado por uma jogadora apenas. Marta Vieira da Silva é a melhor jogadora do mundo, mas sonhamos em ver, nos discursos de homens e mulheres, outras referências femininas de futebol. Camilas, Raianas, Joanas, Alines e Shirleys ainda esperam por um minuto de glória.

Entre barreiras e dribles

"Esta pracinha sem aquela pelada virou uma chatice completa (...)
E, no entanto, ainda ontem, isso aqui fervia de menino, de sol, de bola, de sonho: "eu jogo na linha! eu sou o Lula!; no gol, eu não jogo, tô com o joelho ralado de ontem; vou ficar aqui atrás: entrou aqui, já sabe". Uma gritaria, todo mundo se escalando, todo mundo querendo tirar o selo da bola, bendito fruto de uma suada vaquinha.

(Peladas, de Armando Nogueira)

Existiam aos montes. Aos domingos e feriados, eram palcos de uma grande festa de craques e pernas de pau da bola. Meninos e meninas, rapazes e moças, homens e mulheres fingiam ser heróis a cada drible ou golaço. Habitavam os campos de várzea jogadores e famílias inteiras para ver belos passes e conversar uns com os outros. Profissionais da bola e entusiastas do futebol relembram momentos vividos nos campos e lamentam a falta que hoje eles fazem.

– O futebol do subúrbio está sendo imprensado. Nós tínhamos mais de 200 campos na área semicentral da cidade, então cada time fazia torneio. À medida que houve a invasão imobiliária, construção, ocupação dos terrenos baldios e substituição por edificações, nós tivemos, paralelamente a isso, a redução do número de clubes. Eu me lembro que, há 50 anos, onde hoje é o Parque Araxá, era o cercado Zé Crateús. Devia ter dentro de lá uns cinco a seis campos. Hoje, há apenas dois.

(Alberto Damasceno, jornalista, ex-empresário de jogadores de futebol, ex-diretor do América e ex-presidente de um clube de futebol amador).

– Essa garotada de 10 a 14 anos vai pro laboratório (*escolinhas de futebol*) pra aprender a chutar. No meu tempo, a gente jogava gol a gol com bola de meia. A gente fazia racha no meio da rua. Dali que saíram grandes craques. Por que hoje em dia tem laboratório? Porque não tem mais subúrbio, porque, no local onde a gente batia um racha, tem uma praça; no local que batia racha, tem calçamento; no local onde eu batia racha, já não tem mais rua, é um prédio, é um condomínio. (...) Joguei em muitos campos e neles fizeram grandes praças e colégios. Jogava no campo Onze Velozes, onde hoje é o Terminal do Antônio Bezerra. Tem também o campo do Tigre Real, que hoje é um conjunto de casas.

(Barbosa Pinheiro, ex-jogador de futebol da década de 60. Fez carreira pelo Ferroviário Atlético Clube).

– Hoje, tem um time que sobrevive aqui. É o Tauape, que fica perto da igreja. Eles estão jogando lá no Parque Rio Branco. Eles queriam dividir o campo com a gente. Um domingo deles, outro domingo da gente. Mas é um campo pra oito jogadores e, pra fazer subúrbio, tem que ser pra onze. Fica apertado. Já lutamos, já tentamos falar com secretário, com prefeita, pra ver se aumenta, mas tá muito difícil, porque tem um pessoal do Partido Verde que briga por causa de quatro coqueiros. Se tivesse um campo, ali evitava muito roubo, evitava assassinato. De vez em quando, matam um ali dentro, porque todo domingo ia ter uma área de esporte, ia ter lazer, ia ter futebol. (...) O Venturoso sobrevive não sei nem como. No nosso bairro, não tem uma praça de esporte. Talvez, se a gente tivesse uma praça, surgissem novos jogadores, novas revelações.

(Ednardo Marques é presidente do Venturoso, time de futebol amador do bairro São João do Tauape).

A chuva deixou poças d'água espalhadas por todo o campo, mas São Pedro já não ameaça molhar a terra. O bom tempo anima as meninas a vestirem o uniforme e a ocuparem os lugares nas quatro linhas. A posição da goleira é a mais sofrida, já que precisa defender o time dentro de uma “piscina”. Como esse, há outros campos com grama rala ou terra batida espalhados por Fortaleza e pela região metropolitana, embora não se saiba a quantidade exata. São quase sempre ex-terrenos baldios ocupados por quem é fascinado por futebol.

Distante dali, no gabinete espaçoso e bem equipado, o recém-nomeado secretário do Esporte do Estado, Gony Arruda, liga para um funcionário buscando a informação que já desconfiávamos saber. “A gente tem algum mapeamento dos campos de futebol do Estado?”, pergunta o secretário. A expressão de surpresa confirma que estávamos certas.

– Não tem e nós vamos fazer um levantamento. Ele (*o funcionário da Secretaria*) falou também de quadra. Nós vamos fazer esse levantamento – garante Gony Arruda.

– Tanto campo quanto quadra? – perguntamos.

- Isso.
- Mas já tem data prevista?
- Já, já. Vamos fazer o mais rápido possível.

Em Fortaleza, existem 15 estádios de futebol. Dois deles são utilizados para o futebol profissional: o Castelão, administrado pelo Estado, e o Presidente Vargas, pela Prefeitura. Há ainda outros seis sob o domínio da administração municipal de Fortaleza e sete de propriedade particular. Há também campos espalhados pela cidade. Segundo dados da Prefeitura, existem 183 campos de futebol e mais oito campos soçaites espalhados por Fortaleza, sendo 151 deles nas regionais V e VI. Quanto aos campos que estão no território do Estado, não é possível mensurá-los, já que não há um levantamento dos equipamentos pelo governo estadual.

Quem utiliza os campos públicos reclama das más condições. Falta alambrado, o gramado acumula poças d'água e os vestiários, muitas vezes, estão depredados. A situação precária dos campos administrados pela Prefeitura foi reportada no jornal O Povo em abril deste ano. Quando são vistos e veiculados pela mídia, é renovada nas comunidades a esperança de que o espaço seja revitalizado, pois os órgãos responsáveis se pronunciam e fazem promessas. As Secretarias Executivas Regionais (SERs), que administram os estádios citados na reportagem, não tardaram na resposta. No dia seguinte à publicação, saía a notícia de que visitas seriam realizadas aos campos e reparos seriam feitos para a melhoria dos equipamentos.

Se a situação de alguns estádios geridos pela Prefeitura é precária, os campos do subúrbio estão ainda pior. Exemplo recente da instabilidade por que passam as comunidades que utilizam esses espaços é a novela que se instaurou com o campo do América, do bairro Meireles. Em novembro de 2010, o equipamento seria leiloado pelo Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS). Prefeitura e Estado intervieram nas negociações por entender que o terreno era espaço de lazer das comunidades, com o campo de futebol e a pista de cooper.

Durante o processo, o Estado resolveu sair de cena, e a Prefeitura tomou a frente das intermediações com a intenção de adquirir o campo. Até maio de 2011, o processo ainda estava em andamento, pois, a princípio, a gestão municipal questionou o valor pedido pelo INSS, que era de 6,2 milhões de reais. Após reavaliação da Caixa

Econômica Federal, que levou em consideração o fato de o terreno estar localizado em uma Zona Especial de Interesse Social (Zeis), o imóvel foi reavaliado em 1,8 milhão de reais. A comunidade ainda espera um desfecho diferente de uma história que sempre tem o mesmo final: campos destruídos que cedem lugar a prédios, escolas, conjuntos habitacionais e tudo mais que couber na cidade espremida horizontal e verticalmente.

– É muito comum a Prefeitura também ter um campo de futebol e precisar de um local pra fazer um colégio. O primeiro local utilizado é o campo. É incrível. Tem aí as Praças da Juventude (*iniciativa do Ministério do Esporte voltada para comunidades com reduzido ou nenhum acesso a equipamentos públicos de esporte e lazer*). Vai ser feita uma na Granja Portugal. Já bati de frente com muita gente. Vão fazer a Praça da Juventude justamente no Campo do Skol da Granja Portugal. É um campo iluminado, antigo e tradicional. Aí, vão fazer um campo do lado de um colégio. Já começa mal, porque à noite não pode ter futebol. E é bem apertadinho – reclama o presidente da Federação Cearense de Futebol Amador, Tony Pereira.

A ordem de serviço para a construção da Praça já foi assinada. No entanto, o secretário de Esporte e Lazer de Fortaleza, Evaldo Lima, afirma que o futuro do local foi traçado em uma assembleia realizada com as presenças da Prefeitura, da comunidade e da igreja, que se incomoda com os jogos realizados aos domingos.

– O Campo do Skol, que fica bem em frente à igreja, tem uma dimensão bem superior à estabelecida pela FIFA. O pessoal que frequenta a igreja fala que os jogadores trocam de roupa e ficam bebendo no domingo enquanto acontecem as missas. A gente conseguiu implantar ali uma Praça da Juventude. O Campo do Skol vai ser construído a duas quadras de distância de onde hoje ele existe. Ele não vai entrar na estatística do Alberto Damasceno, porque o campo vai ser preservado – explica Evaldo Lima.

Aos poucos, a cidade vai-se desapegando desses espaços que mobilizam lazer e renda alternativos à economia do Estado do Ceará. A especulação imobiliária ganha terreno, a comunidade perde. Em tese, as instituições públicas são inaptas a intervir, já que a maior parte dos campos de várzea é de propriedade privada. O secretário Evaldo Lima aponta o poder público como responsável direto pela manutenção desses equipamentos, ainda que eles estejam legalmente isentos dessa obrigação. “O fato de

que são equipamentos privados (*os campos*) não nos exime da responsabilidade de dar assistência”, reconhece.

Desvendar o mundo alternativo no qual o futebol suburbano está inserido é, de fato, uma incógnita. Descobrir orçamentos, financiamentos e apoios da administração pública a essa prática esportiva também se configurou como um grande desafio neste livro-reportagem. Como as secretarias municipal e estadual do Esporte não possuem um orçamento fixo destinado ao futebol amador, as ações ainda são pontuais e incertas. Cabe aos jogadores e aos organizadores dos times suburbanos conseguir apoios de políticos, donos de mercadinhos da região e apaixonados por futebol para que os clubes se mantenham em atividade, exceto em anos de eleição. Nesse período, os campos dos subúrbios transformam-se em palcos de boca de urna, e os jogadores passam a ser vistos como cidadãos, ou melhor, eleitores.

Uma rifa aqui, uma vaquinha acolá e muita vontade de jogar. Essa costuma ser a fórmula mais utilizada pelos aguerridos donos dos times suburbanos para sustentar os clubes. Nos discursos de cada amante do futebol, as palavras se confundem e formam um só coro. É preciso suar a camisa para manter um time amador no país do futebol. Clóvis Cordeiro, ex-jogador do subúrbio e diretor do time São Vicente, resume o sentimento de centenas de organizadores do esporte nas comunidades.

– Que dificuldades vocês mais enfrentam hoje?

– Financeiro. Falta patrocínio. A gente tem o jogador do titular, que mora longe, e a gente arranja a passagem dele. Uma ajudinha era bom, né? Tem gente que mora no Castelão, na Serrinha... Domingo à noite, tem a cervejinha. O pessoal ajuda. Quando não ajuda, sai do bolso de um, de outro, do meu.

– Você já teve prejuízo?

– Todo domingo.

No bairro São João do Tauape, a história narrada por Clóvis ganha novos personagens, mas o roteiro é o mesmo. Todo domingo, a diretoria do Venturoso tem de arcar com aproximadamente 300 reais de despesas. Para arrecadar o dinheiro, o jeito é

recorrer a rifas e bingos. Há ainda o sócio-torcedor, figura mais conhecida nos clubes profissionais, que colabora financeiramente com o time mesmo sem ir aos jogos.

– Para o Venturoso sobreviver hoje é raça, é força de vontade. É aquela coisa que se diz: é um vício. Às vezes, eu digo que não vou mais, que eu não quero mais. Mas aí passa aquele momento, chega dia de domingo e não tem. Cadê o jogo? Devia ter ido pro jogo. Então, na minha vida, já faz parte. Qualquer coisa que acontecer tem que ter o Venturoso – declara-se para o time do coração o presidente Ednardo.

O apoio de empresários a times amadores, quando existe, é dado apenas em períodos de campeonatos. Os clubes vivem em uma eterna instabilidade financeira. Não são poucos os métodos de arrecadar dinheiro. Além dos mais utilizados, há também cartas assinadas pela diretoria aos sócios mais antigos. Cada um contribui como pode e deposita no envelope o apoio ao time do bairro. Para se confeccionarem os uniformes, é necessário um maior investimento. Nesses momentos, um dos diretores recorre a um empresário do bairro, outro se lembra de um ex-vereador que oferecera apoio ao time meses antes. Homens e mulheres deixam suas obrigações pessoais para que o lazer na comunidade não cesse.

– A gente se mantém com a colaboração de algum colégio ou empresário. Quando tem uma competição, pedimos pra eles uma doação da taxa de arbitragem e do material. A gente usava o mesmo material há oito anos e só conseguiu a doação de um material depois do primeiro jogo num campeonato metropolitano, pois o time foi bem na partida e ganhou de 6 a 2. O presidente do time do Maranguape, Emanuel de Paula, se sensibilizou e fez um pedido à Secretaria de Esporte da cidade, aí eles doaram o material – Shirley Oliveira narra as dificuldades de manter a Sociedade Feminina de Futebols, em Maranguape, com o escasso apoio financeiro.

No ano de 2011, a Secretaria do Esporte do Estado do Ceará destinou 160 mil reais ao futebol amador, segundo o titular da pasta, Gony Arruda, que não soube especificar de que modo os recursos seriam investidos. “Ainda não sei como vamos formatar, mas é um campeonato de grande abrangência”, adianta. Para que os recursos cheguem aos campos do subúrbio, a Prefeitura e o Estado fazem uma parceria com o presidente da Federação Cearense de Futebol Amador, Tony Pereira.

– A Federação tem convênios com o Estado. Com o governo municipal, faz a Copa do Trabalhador. Com o governo estadual, são duas competições, o sub-20 e o feminino. Cinco por cento do valor total do projeto são pagos para a Federação administrar a competição. São 155 mil reais do governo do Estado e 30 mil da Prefeitura – precisa Tony Pereira.

O maior investimento da Prefeitura Municipal de Fortaleza ao futebol amador é a Copa Fortaleza Bela, que está na quinta edição. Os times não pagam inscrição e ganham uniforme para jogar. Na edição anterior, 336 times se inscreveram no evento que atraiu 65 mil pessoas, entre jogadores, árbitros, membros de comissão técnica e torcedores. Nas conversas de beira de campo, ouvimos reclamações sobre a qualidade dos uniformes doados pela Prefeitura, mas alguns times com menores poder aquisitivo e articulação comunitária dependem desse material esportivo para disputar os sagrados jogos de domingo. A maior atração do campeonato é a premiação. Os três primeiros colocados ganharam dois, três e cinco mil reais.

Para fazer um comparativo de orçamentos com os anos anteriores, recorremos ao ex-secretário do Esporte do Estado, Ferruccio Feitosa, que ocupou o cargo de 2007 a 2010. “Tive a oportunidade de dar a ordem de serviço a mais de 300 obras, e incluindo todas as obras esportivas, não só o futebol. Tivemos alguns campos de futebol, não sei te precisar quantos, mas tiveram alguns, muitos”, garante Ferruccio Feitosa.

– Secretário, só para frisar, quer dizer que, na Secretaria, não há um orçamento específico para o futebol?

– Não tem para o futebol nem para o handebol nem para o voleibol. Tem para a Secretaria do Esporte, para atender o esporte. Eu não posso dar um tratamento, quer dizer, eu não podia dar um tratamento diferenciado pra modalidade esportiva nenhuma – explica o ex-secretário.

– A gente está insistindo nessa questão do orçamento, porque, ao longo do ano em que a gente esteve trabalhando com esse tema, sentimos uma dificuldade muito grande em relação a dados oficiais. Nós entendemos o papel da Secretaria de democratizar todos os esportes, de inclusive criar uma cultura de valorização de outros esportes, mas, quanto ao futebol, a gente sente uma resistência em conseguir dados.

– Não sei por quê. Não sei por que isso. Mas o que eu posso dizer é que a gente não pode fazer uma relação de orçamento com a eficiência de uma ação. Muitas vezes, pode se ter um excelente orçamento e a eficiência da ação ser pífia.

Se o futebol amador dependesse de estatísticas oficiais para existir, ele seria uma atividade fantasma. O que questionamos insistentemente durante a nossa trajetória pelos campos da cidade e pelos clubes que nos acolheram é a falta de catalogação com uma realidade que se configura como lazer, sociabilidade e renda para centenas de famílias no Estado do Ceará. Os esportes, no plural, têm de ser apoiados democraticamente pelas instituições públicas, mas não se pode baixar a vista para uma prática que mobiliza semanalmente milhares de pessoas. O futebol suburbano é a projeção de sonhos de incontáveis atletas que foram parados antes de ultrapassar o meio campo da vida ou para outros que nem tiveram a oportunidade de sair do banco de reservas.

A democratização do lazer também está na organização de campeonatos, na doação de uniformes e na criação de um fundo próprio para o futebol amador a ser repassado às ligas para que elas tenham autonomia. Tais pontos são políticas que os governos municipal, estadual e federal devem executar para que todos os segmentos sociais tenham acesso ao lazer, assegurando à população uma identidade cultural. O pontapé inicial para a democratização já foi dado pelo Governo Federal ao realizar três conferências nacionais de esporte nos anos de 2004, 2006 e 2010. A partir delas, foram compiladas diretrizes em cartilhas a fim de nortear ações governamentais nos processos de inclusão social do esporte.

Nas propostas de ação aprovadas na Plenária Final da I Conferência Nacional de Esporte, há uma seção específica para o futebol que recomenda a “criação de um sistema nacional de financiamento do futebol amador, por meio de um fundo nacional, estadual e municipal que garanta o repasse de recursos às ligas e entidades esportivas”. Para o futebol feminino, é recomendada a implementação de um plano de desenvolvimento com atenção especial para a formação de novas atletas através de escolinhas de futebol e de competições.

Do papel para a realidade, a história é longa. Ideias para incentivar o futebol feminino até existem, colocá-las em prática é que se torna um desafio. Em entrevista com o secretário Gony Arruda, ele comentou o projeto, que não chegou a sair da gaveta, de inserir as mulheres nos grandes campeonatos do Estado.

– Nós tivemos a ideia aqui de fazer as preliminares de grandes jogos com o futebol feminino. A gente ia fazer no primeiro jogo “Ceará x Fortaleza”, mas deu um problema aqui e acolá. Já era para ter acontecido isso na nossa gestão aqui, na Secretaria de Esporte. Nós vamos apoiar o futebol feminino, acredito que em várias ocasiões – promete o secretário.

– E por que não deu certo o jogo aqui?

– Porque os clubes se convenceram de que ia estragar o gramado, e não ia estragar.

– Por que estragaria? – insistimos.

– Não sei, também não entendi.

– Mas não há uma intenção da Secretaria de continuar com essa ideia?

– Tanto há que eu chamei aqui a Federação, só que o Ceará não se entusiasmou.

O presidente do Ceará Sporting Club, Evandro Leitão, confirmou a versão do secretário Gony Arruda. “Nós não apoiamos nenhum jogo preliminar, porque prejudica o gramado. Somos a favor de promover campeonatos de futebol feminino, mas somos contra qualquer tipo de jogo preliminar, tanto de homens como mulheres”, explica o presidente do clube.

Ações de incentivo ao futebol feminino não são novidades no Estado, mas, para as mulheres que jogam futebol, essas iniciativas ainda não têm força suficiente para garantir a regulamentação da atividade. Faltam políticas públicas que não estejam subordinadas à gestão em exercício.

– Se fala muito do desenvolvimento do futebol feminino e da necessidade de ações para tal. Eu queria saber, da sua gestão na secretaria, qual era o incentivo dado ao futebol feminino – indagamos ao ex-secretário Ferruccio Feitosa.

– Primeira vez em que foi realizado um campeonato de futebol feminino aqui quem realizou fui eu.

– Em que ano?

– Acho que foi em 2009 e 2010. Nós chamamos e fizemos o campeonato feminino de futebol.

– O senhor recorda o nome do campeonato?

– Não, mas o Tony Pereira sabe, foi ele quem realizou através da Federação de Futebol Amador.

– A gente conversou com a técnica do time feminino de Maranguape e ela nos disse que já havia participado, em 1996, de um campeonato de futebol feminino promovido pela Secretaria de Esporte da época.

– Então, no ano passado, ela não estava morando aqui, porque foi belíssimo, inclusive nós entregamos a premiação.

– Não, eu quero dizer que o primeiro campeonato não foi realizado em 2009, segundo ela, e sim em 1996.

– Não existia Secretaria do Esporte...

– Era um órgão equivalente à Secretaria do Esporte.

– Mas o que ocorre é que o futebol profissional, no Ceará e no Brasil, ainda tem muito a crescer. No Ceará, o futebol precisa ainda das pessoas enxergarem que não podem estar brincando de ser profissional não. É preciso avançar muito – desvia o assunto.

A criação, a reforma e a manutenção de espaços destinados à prática do esporte e do lazer também estão previstas na cartilha da Conferência no ponto intitulado “Direito ao Esporte e ao Lazer”. A depender das propostas do Encontro, a carência de informações a respeito da quantidade de campos ou times existentes na cidade seria sanada. No ponto “Esporte e Conhecimento”, é sugerida a elaboração de políticas públicas de informação e documentação visando à socialização do conhecimento e aperfeiçoamento da gestão pública.

Enquanto autoridades discutem políticas públicas para o esporte e novos arranha-céus ganham espaço onde outrora estavam traçadas quatro linhas, os campos que resistem à invasão imobiliária continuam sendo palcos de espetáculos amadores de futebol. Homens, mulheres e crianças ainda deixam parte de suas vidas cravadas na arquibancada calorenta dos subúrbios cearenses.

Não foi dado o apito final do jogo. As barraquinhas de comida e bebida ainda estão montadas na beira do campo. Dona Lunga permanece atenta à partida, acocorada

no chão de barro com o cigarro na boca. Ednardo tira 50 reais da carteira para pagar o prejuízo-prazer de mais um domingo. Fabiano visualiza um futuro craque no bairro Antônio Bezerra. Shirley já conseguiu novos uniformes para as meninas do time feminino de Maranguape, após oito anos de espera. Sol forte, cerveja gelada, ônibus lotado na comunidade. É domingo. Dia de ver o time do coração jogar.

Passe livre no subúrbio

“Pode chegar
Que a festa vai
É começar agora
E é prá chegar quem quiser
Deixe a tristeza prá lá
E traga o seu coração
Sua presença de irmão
Nós precisamos
De você nesse cordão...”

(O Homem Falou, de Gonzaguinha)

O universo do futebol suburbano não tem portas. É como na escola de samba a que se refere Gonzaguinha no trecho da música acima. Somos todos bem-vindos. Desde que começamos o processo de produção do livro-reportagem, fomos muito bem acolhidas por quem pratica o futebol nos subúrbios. As pessoas nos emprestavam tardes inteiras para falar de suas vidas, do prazer de jogar, de assistir aos jogos e das dificuldades enfrentadas diariamente.

É claro que há perfis e perfis de entrevistados. Alguns se permitem conhecer mais a fundo, sentem prazer em falar da própria vida. Para esses, o nosso exercício maior era o de ouvir. Há, entretanto, outros entrevistados mais reservados, que se intimidam diante de desconhecidos e gravadores e, talvez por isso, falem muito pouco. Com eles, captávamos informações a partir de observações de comportamentos. E fazíamos mais perguntas do que o usual. O método é simples: uma insistência gentil e cautelosa.

A facilidade com que conseguimos apreender o cotidiano do futebol no subúrbio não se estendeu aos dados oficiais sobre a quantidade de times e campos na cidade. Na última edição da Copa Fortaleza Bela, 336 times se inscreveram, mas acreditávamos que o número de times na cidade era bem superior ao de participantes no campeonato. Nunca conseguimos saber quantos clubes amadores existem na capital cearense, porque até a Federação Cearense de Futebol Amador possui apenas uma

estimativa. Compreendemos que é realmente difícil precisar essa informação, pois muitos deles surgem e desaparecem rapidamente.

Já as informações quanto aos campos na cidade demoraram a sair das sombras. Durante a produção deste livro, que seria examinado por uma banca avaliadora no Curso de Comunicação Social da UFC, só tivemos conhecimento de que havia sete estádios administrados pela Prefeitura de Fortaleza, outros sete privados e um sob a responsabilidade do Estado. E quanto aos outros que são ocupados todos os domingos pelos mais de mil times que existem na capital, onde estão registrados? Não tínhamos conseguido responder a essa pergunta, pois nem Prefeitura nem Estado nos haviam dado a informação. Na sala do secretário Gony Arruda, recebemos apenas uma promessa sem data prevista de execução. “Já, já. Vamos fazer (*o mapeamento*) o mais rápido possível”.

No dia 24 de junho, quando apresentamos este livro-reportagem como nosso Trabalho de Conclusão de Curso, um dos membros da banca examinadora e editor do caderno de Esportes do Jornal O Povo, Rafael Luís, disse ter estranhado o fato de a Prefeitura não ter um mapeamento dos campos utilizados para a prática do futebol. À época do leilão do Campo América, ele solicitou os dados para usá-los em sua coluna semanal e a Prefeitura forneceu um levantamento dos equipamentos na cidade, discriminando o número de campos por regionais. A saga recomeça. Mais uma vez, entramos em contato com a Secretaria de Esporte e Lazer de Fortaleza e pedimos o mapeamento dos campos. Desta vez, quando explicamos que o livro estava prestes a ser publicado, a resposta veio rápida e, por e-mail, tivemos acesso ao levantamento. Com as novas informações, atualizamos o texto do quarto capítulo.

Crônica Reporteira - Meu olhar, Cleisyane Quintino

Dia de jogo

Antes que chegue a hora da partida, os homens levam para o ônibus zabumba, pandeiro, chocalho e isopor com refrigerante e cerveja. É para animar a viagem e não deixar ninguém com sede. Lucinha vai atrás com a maleta branca que estampa uma cruz vermelha. Ela é a “enfermeira” dos jogadores. Os mais novos são os mais agoniados e os primeiros a subir no coletivo. É a oportunidade que têm de tomar posse dos instrumentos. Mesmo sem muito ritmo nem repertório diversificado, arriscam um “Pedi pra parar, parou. Pedi pra parar, parou. Pedi pra parar, parou...” E não param. Se jogadores e torcedores não entram no ônibus, os pequenos têm disposição e paciência para entoar um “pedi pra parar, parou” o dia inteiro.

“Te ganhei no paparico,
Te papariquei!
Quis te dar um fino trato
E me apaixonei!
Te ganhei no paparico,
Mas tô sem nenhum.
Por favor amor não pense
Que sou Um Sete Um...”

O motorista dá a partida ao som do grupo de pagode Molejo. O trajeto de 40 minutos não é nem um pouco enfadonho. É uma gritaria de criança e de adulto. Todo mundo eufórico porque é domingo e dia de jogo. Na chegada ao campo, é aquele alvoroço: criança e adulto disputando para ver quem desce primeiro. Só as senhoras esperam o tumulto acabar para descerem com tranquilidade. Dona Lunga, uma das últimas a sair do ônibus, ocupa sempre, na arquibancada, o lugar mais próximo do campo. Passa a maior parte do jogo sozinha, amargando a tensão. Quando a decisão está muito difícil, não aguenta em si. Levanta e apoia o corpo no muro baixo do alambrado para torcer pelo time.

– Isso não é racha, não – um torcedor do São Vicente adverte o rapaz do time adversário que estava na beira do campo atrapalhando o jogo.

Pensávamos que, naquele domingo, assistiríamos a um campeonato do subúrbio, mas, ao chegar ao campo, logo percebemos que se tratava apenas de um amistoso. Havia poucos torcedores, os árbitros eram os homens da torcida e as barraquinhas de comida, comuns nos campeonatos do subúrbio, deram vez aos ambulantes vendendo “dindim” e sorvete. O campo, apesar de bom, não marcava as quatro linhas. O jogo sem muitos lances e sem grandes tensões me distanciou daquele campo. Enquanto os homens corriam atrás da bola, senti-me levada pelas lembranças dos lugares visitados, das pessoas encontradas e das histórias ouvidas durante a feitura deste livro-reportagem.

Muitas das pessoas com quem mantivemos contato por um tempo, certamente nunca mais veremos. É natural que seja assim, mas, se pudesse rever alguém, seria André, um rapaz de 18 anos, cujo maior sonho é ser jogador de futebol, para fazer o que gosta e ajudar a família. O garoto dedica a vida ao futebol, atividade que, ao mesmo tempo, apaixonada é ingrata com seus amantes. O suor deixado nos campos e as horas na academia o distanciaram dos estudos. Ele não desistiu da escola, mas está sempre tendo de atrasá-la para alcançar o sonho sem a garantia de que o esforço terá um retorno positivo.

As dificuldades de André são vividas em outras cidades e também por meninas que querem ser jogadoras. Em Maranguape, conhecemos um grupo de mulheres, de 13 a 30 anos, que batalham diariamente na expectativa de um dia mudar de vida através do futebol. Há entre elas meninas que não aceitam ter o direito de ir e vir negado pelo sistema desigual em vigência na nossa sociedade. Uma delas é Bibinha, que quase nunca tem o dinheiro da passagem para ir aos jogos. O jeito é caminhar uma média de sete quilômetros até o campo. O percurso é mais do que um aquecimento, deixando-a cansada antes mesmo de a partida começar. Apesar das dificuldades, Bibinha encontra graça para rir. Em campo, é o que mais faz: ri.

Da arquibancada, de onde assistia a São Vicente x Salinas, percebo que o céu ganha uma coloração alaranjada. A tarde cai e o campo escurece. Fim de jogo: dois a zero para o São Vicente. O resultado da partida sacode o ônibus de tantos pulos de

comemoração. A sensação é de que ele está mais cheio do que no percurso da ida, mas certamente é a euforia dos homens que mal cabe no ônibus.

“Esta família é muito unida
E também muito ouriçada
Brigam por qualquer razão
Mas acabam pedindo perdão...
Pirraça pai!
Pirraça mãe!
Pirraça filha!
Eu também sou da família
Eu também quero pirraçar...”

O ônibus retorna com a família do São Vicente ainda mais unida. A vitória é um presente para começar bem a semana. Os jogadores suados encostam-se às moças de propósito, que a princípio tentam se afastar. Depois de um tempo, no meio do batuque, acabam se esbarrando sem frescuras. O ônibus vai sacolejando. Quem está sentado parece pipoca dando saltinhos involuntários. Clóvis, o responsável pelo time, a essa altura já se embriagou e quase não se aguenta em pé. Perto da catraca, o senhor com nome de escritor Fernando Antônio Moreira Barros deixa cair algumas lágrimas ao ouvir um dos cânticos do São Vicente.

– “Euuuuuuuu Sooooo São Viceenteeee. Verdão do meu coração”.

Quando a turma vê o lateral do time aspirante chorando, não perdoa. Todos brincam com a cena e cantam para ele. Fernando sempre chora quando ouve as músicas cantadas pelos jogadores. Ainda com o canto dos olhos molhados, tenta explicar. “É assim mesmo, sempre me emociono e começo a chorar”.

À medida que o ônibus se aproxima do bairro, cessa todo o repertório de pagode e samba para dar vez às canções do São Vicente. Clodoaldo pede para o motorista ir mais devagar ao margear as ruas do conjunto. Os pulos dentro do ônibus são dados com mais intensidade. Do lado de fora, um senhor na janela de sua casa também pula ao som que

vem do ônibus. As mulheres na calçada sorriem e acenam. No bar da esquina, um senhor levanta e comemora. As crianças dançam na calçada. O cortejo do São Vicente anuncia a vitória do time para quem não foi ao campo assistir. Em frente à casa da dona Lunga, ficam para a barca os jogadores.

– E aí gostaram? – Pergunta-nos uma senhora ao descermos do coletivo.

– Ah, sim, foi muito bom! – respondemos sem titubear.

– Voltem sempre!

Crônica Reporteira: Meu olhar, Lorena Alves

O último jogo

Nas calçadas desalinhadas de uma comunidade do subúrbio fortalezense, a festa já havia começado. Um bêbado dizia prosas de domingo a conhecidos de plantão. Uma menina que ainda não chegara aos 15 ouvia atenta as jocosas considerações do velho homem ébrio.

– Minha filha, eu lhe conheci desse tamanhinho e agora, diabo, olha o teu tamanho – ia-se referindo à mocinha expectadora.

– Macho, deixa de falar besteira. Aff! – ela se aperreava com os tropeços de língua do velho bêbado.

Dona Lunga, na porta da casa vizinha, ouvia a conversa em silêncio, apenas com um cigarro na boca, como era bem seu jeito de se comportar diante de plateia. Perguntada se ia ao jogo do São Vicente de Paulo, ela fez com as palmas da mão que não sabia. O olhar não encontrava um horizonte, era como se lhe faltasse algo na longa vida. Estava sozinha. O homem da vida fora embora e deixara os apaixonados domingos de futebol solitários. Ao seu modo discreto, dona Lunga entra em casa.

O homem que, há muito, havia esquecido o que era sobriedade continuava a tagarelar sobre assuntos diversos. Intrometia-se na conversa de vizinhos, dava pitaco sobre tudo e mais um pouco. Vinte minutos depois, a velha Lunga volta à calçada. Os cabelos molhados denunciavam o banho recente. Ela não resistira. Iria ao jogo do São Vicente. Uma moça na calçada indaga-lhe:

– Dona Lunga, a Naninha teve bebê? Eu nem sabia.

– Teve sexta-feira. E a Clemilda também, mas já faz três meses.

– Eita que é mulher pra gostar de ficar *buchuda* – o bêbado entrava na conversa sem convite formal.

– Nam, esse homem não sabe de nada. É o primeiro filho delas – explicava a moça que ouvia os desarranjos do homem desde cedo.

O ônibus que levaria a comunidade do São Vicente ao jogo na Cofeco já estava parado em frente à casa de dona Lunga. Aos poucos, os meninos menores iam ocupando os assentos de trás. A charanga começava a ser montada. O pessoal começa a entrar no ônibus. Os mais idosos escolhem as primeiras cadeiras. Os mais jovens abancam-se da metade do ônibus para trás. Começa a concentração. As conversas tornam-se quase inaudíveis diante da bateria.

Um dos jogadores passa por uma das meninas que eram desconhecidas na comunidade e suspira: “Uhh! Ê lá em casa”. Mas o ônibus não escuta. A maior parte dos jogadores e torcedores entretinha-se com as músicas ensaiadas no batuque. Os coros eram ouvidos facilmente: “Incandeia, incandeia, incandeia, meu candiá...”.

Chegamos ao destino. Apressadamente, o pessoal vai descendo. É preciso dois homens para carregar o isopor com as cervejas para abastecer a partida. Hoje, não é dia de torneio, portanto há apenas um jogo: São Vicente contra Salinas. O time do aspirante se prepara para entrar em campo. A torcida ainda não parece tão entusiasmada. Até os 45 minutos do primeiro tempo, poucos foram os lances que deram trabalho aos goleiros de ambos os times. Quando não é torneio, as partidas têm a mesma duração do futebol profissional.

Começa o segundo tempo. Já nos primeiros minutos, o goleiro do São Vicente leva um frango. “Mão de pano”, gritaria Assis se ali estivesse. Naquele dia, a movimentação era pequena, mas todo mundo fazia questão de anunciar. “Bom vai ser no próximo domingo, porque é torneio. São Vicente e Bandeirante podem se enfrentar. Aí sim é disputa boa”, avisa Camila, que encerra a conversa quando percebe que o time titular do São Vicente está entrando em campo. “São Vicente, cadê você? Eu vim aqui só pra te ver”, ensaia a torcida.

O time se apresenta com a camisa alviverde. As cores oficiais do time são verde, amarelo, azul e branco. “As cores do Brasil”, explica Crioula. Entretanto, o clube não possui uma única camisa. A cada remessa de uniformes, o São Vicente ganha nova cara. Naquele domingo, o time era alviverde de coração.

Na metade do segundo tempo, o São Vicente avança e marca o primeiro gol embalado pelos gritos da torcida feminina. “Sai, sai do meio, sai que o São Vicente tá sem freio”, gritam as moças. Apesar do primeiro gol, o São Vicente ainda parece

esmorecido diante do rival. Da arquibanca, a torcida manda apoios diversos. O velho bêbado que atropelava as palavras antes do jogo nas calçadas da comunidade ainda se manifesta de longe, de modo inaudível. “Ô, fela da gaita, pega essa bola”, dizia e logo voltava a comer o tira-gosto que trouxera em um depósito: arroz, carne de carneiro, farofa e uns espetinhos de carne que comprou durante o jogo.

Com o incentivo da torcida, o time avança mais e mais e atropela o Salinas. Antes de terminar a partida, a torcida já começa a entrar no ônibus. A charanga começa antes mesmo do final do jogo. Garotos que ainda não chegaram à adolescência comandam o batuque. “Pedi pra parar, parou! Pedi pro jogo acabar, acabou!” – divertiam-se com suas vozes um tanto infantis.

Dado o apito final, os jogadores apressam-se a subir no ônibus, e o coro infantil é calado pelas vozes dos adultos. Um sem número de rimas é feito com o nome do São Vicente. Diante de tantas declarações ao time do coração, um torcedor que já está na casa dos 60 não aguenta. “Ou, ou, ou, o Fernando chorou”. E o velho homem derrete-se em lágrimas. Questionado sobre o porquê do choro, ele explica: “É porque eu sou assim mesmo, fico emocionado com essas coisas”, diz com os olhos ainda marejados.

Ao chegar à comunidade do São Vicente, o ônibus desfila na “avenida principal”. O dono da bodega para e aprecia o desfile. Os clientes de um bar interrompem a conversa para contemplar o apaixonado desvario dos torcedores. “Aqui tem um bando de loucos, loucos por ti, Verdão”. As mulheres na calçada sorriem para os marmanjos sem camisa que cospem de tanto proclamar amor ao time. Quando o desfile termina, eles querem repeti-lo. O motorista do ônibus faz-se de surdo. No informal contrato de aluguel, não há cláusula que garanta a repetição. Os torcedores conformam-se e descem do ônibus já anunciando a próxima aventura. “Domingo que vem é que vai ser bom. A gente joga contra o Bandeirante”.

Despedi-me dos sorridentes anfitriões. Naquele instante, um breve roteiro passou em minha mente. Lembrei-me dos homens e das mulheres que conheci ao longo desses 14 meses, pessoas que, de algum modo, deixaram um pouco de si no âmago de uma jovem repórter que mal começara a desbravar o mundo. Chega o momento de escrever as últimas linhas. Por mais que tenhamos saudosismo precoce com um trabalho que nos

consumiu inteiramente, é necessário despedir-se, esta é uma lição que aprendemos no percurso: “O livro tem de ser fechado”.

Recordo as histórias das meninas que tanto sofrem opressão nos subúrbios por gostar de jogar bola. Tenho vontade de intervir, dizer-lhes que mandem um basta para os opressores de plantão. O futebol suburbano entrou desmedidamente em minha vida. Não pediu licença, tampouco disse adeus. Olho para trás, cumprimento Clóvis Cordeiro e digo que volto no próximo domingo, “porque dia de torneio é melhor”.

Agradecimentos

Cleisyane

À minha mãe, Ana Cleide Lopes, pela dedicação, pelo amor, pelas lições e por me deixar seguir depois de já ter me defendido de tudo e de todos. Agradeço, mãe, principalmente por manter os braços abertos para me acolher sempre que eu precisar.

Ao meu pai, Carlos César Quintino, pelos dias que precisaram começar antes do nascer do sol e terminar bem depois dele se pôr. Tanto esforço para me garantir o direito à educação. A esse homem desde menino, vou ser eternamente grata por compartilhar a vida comigo.

À minha avó, Margarida Lopes, pela doçura e simpatia de lembrar-se de mim diariamente ao incluir-me nas rezas diárias. Aos meus tios Carlos, Dedé, Neto e à minha tia Ana Maria, pela presença e por depositarem tanta confiança em mim. Aos meus irmãos, Clausen e Clauber César, agradeço por dividirem comigo a infância, a adolescência e as brincadeiras de ontem em diante.

Ao Chico Célio, que, apesar de não ter contribuído com uma foto (calma, sei que não foi culpa sua), agradeço por me emprestar os ouvidos quase diariamente a ponto de conhecer os personagens e as histórias deste livro sem nem ter lido ainda.

À Lorena Alves, amiga e irmã de quem sou parceira na construção deste livro e da vida. Compartilhamos o tempo, as ideias, as histórias, os planos, as angústias e os desafios de escrever um livro a quatro mãos. Que as tramas da vida nos permitam andar lado a lado por tempos e tempos.

Lorena

Agradeço especialmente a minha mãe, Magna Lup, mulher com M maiúsculo que sempre acreditou que a Educação é o único caminho possível. A ela, devo todas as minhas conquistas.

Ao meu pai, Marconi Alves, que foi minha inspiração primeira de Jornalismo e me fez apaixonar pela profissão. Sou grata pelas regras de português ensinadas na infância à sua didática peculiar. Se hoje sou jornalista, muito lhe devo.

Às minhas meninas, Nicolle e Jéssica, com as quais compartilho gargalhadas e dissabores da vida. Elas são a tampa da minha panela.

Ao meu amado, André Luiz, que aceita o desafio de experimentar uma vida em par.

À minha avó Guiomar, que me ensinou, na prática, que ser avó é ser mãe duas vezes – ou quantas vezes for preciso. A ela, agradeço pelas rezas, pelo carinho e pela dedicação de todos esses anos.

À minha avó Zuleide e ao meu avô Gregório, pela atenção dispensada à minha família nos momentos de alegria e nas horas mais difíceis.

Ao meu tio-pai Eudimaci, que me acompanha como um anjo da guarda em todos os meus passos.

À minha tia Aldeny, “minha segunda mãe”, que sempre coloriu minha vida de conselhos e carinhos e sempre esteve presente, ainda que a centenas de quilômetros, nos momentos mais importantes da minha vida.

À minha madrinha Rita, pela atenção dispensada a mim durante toda uma vida.

À Taiza Cyrino, que, mais do que sogra, tornou-se ouvinte assídua das minhas aventuras jornalísticas e acolheu-me em sua família sem ressalvas.

À minha amiga Cleisyane Quintino, que topou o desafio de fazer este livro-reportagem e com a qual dividi os anseios, as incertezas, as euforias e as descobertas de fazer jornalismo. Agradeço pelas conversas, pelos desabafos e pela amizade sincera, sem frescuras, bem ao nosso jeito.

A toda a minha família, que é grande e diversa e sem a qual eu seria um i sem pingo.

Agradecimentos coletivos

Ao amigo-professor Ronaldo Salgado, que tanto nos inspirou na produção deste livro. Levamos conosco uma lição de jornalismo e de amizade e sentiremos falta dos fins de tarde às terças-feiras, quando nos reuníamos para conversar sobre este livro e sobre a vida.

Ao mestre Agostinho Gósson, que aceitou prontamente integrar a banca examinadora deste trabalho. Admiramos-lhe pela competência em fazer jornalismo crítico e independente.

Ao jornalista Rafael Luís, pela atenção com que acolheu nosso trabalho, mesmo quando ainda não nos conhecíamos pessoalmente.

À Iara Moura, amiga que nos torna um trio inseparável. Agradecemos pelas conversas cotidianas, pelas ideias geniais e pela disposição de andar conosco pelos subúrbios cearenses. De algum modo, este livro também lhe pertence.

À Raquel Chaves, que, em apenas alguns meses, tornou-se amiga de longas datas. Agradecemos pela revisão do livro e pelas incontáveis dicas de fazer jornalismo.

Ao Daniel Fonsêca, pelos comentários irônicos, pela amizade e por encher carinhosamente nossas caixas de e-mails com artigos sobre futebol e sugestões de pessoas que poderiam nos ajudar com o livro.

À Rafaela Kalaffa, com quem compartilhamos a angústia e a felicidade de fazer o TCC. Agradecemos pelas conversas em que nós três tentávamos entender os nossos trabalhos e fazer sugestões uma à outra.

Ao Cristofthe Fernandes, por nos emprestar o carro e a câmera fotográfica. À Aline Furtado, por tirar nossas dúvidas sobre as leis e também por emprestar sua câmera. Aos dois, pelo “E aí, como está o livro?”.

À Mariana Lazari e ao Yuri Leonardo, que embarcaram no nosso projeto por inteiro. Agradecemos pela competência e dedicação no trabalho realizado.

A todos os amigos que não colaboraram diretamente com o livro, mas que participaram das nossas formações.

Anexo

Lista de entrevistados

Alberto Damasceno

Aline Ferreira

Angelina Lima

Ângela Viviane Lopes da Costa (Vivi)

André Rodrigues Silva

Artur de Oliveira Lima

Aurinte Moreira

Bruna Maria Paiva

Camila Santos

Camila Cordeiro

Clóvis Cordeiro

Clodoaldo Cordeiro

Ednardo Marques

Evânio Cordeiro

Eugênio Ferreira

Evaldo Lima

Evandro Leitão

Francisco de Assis da Silva

Francisca Cordeiro da Silva (dona Lunga)

Francisca Maria Rodrigues (Crioula)

Fabiano Macau

Francisco Barbosa

Fernando Oliva

Ferruccio Feitosa

Gardênia Gomes Leite

Gony Arruda

Jardel Rocha

Joana Cordeiro

José Eudes da Silva Lima

Jodecy Muniz

José Costa (Zé Costa)

Lúcia Barbosa

Mário de Araújo

Renezito Júnior

Shirley Oliveira